

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

JULIANA DA SILVA DE MELO

**AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DE BILÍNGUES NA EXPRESSÃO DE EMOÇÕES**

PORTO ALEGRE

2021

JULIANA DA SILVA DE MELO

**AS DIFERENTES PERCEPÇÕES DE BILÍNGUES NA EXPRESSÃO DE EMOÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras – Tradutor Português e Inglês pelo curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes

PORTO ALEGRE

2021

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Ana Fontes, pela paciência, disponibilidade e extrema competência em tempos tão difíceis que enfrentamos.

Agradeço à minha mãe, Silvana. Sem tua doçura e cuidado eu não teria força de chegar na metade do caminho. Obrigada por tanta dedicação e pelo amor incondicional que me leva tão longe.

Agradeço ao meu pai, José Carlos, a quem eu tenho tanto a dizer em tão pouco espaço. Desde o começo, tudo o que você queria era me dar as oportunidades que não teve, e fico feliz em poder dizer que todo o esforço valeu a pena. Essa e todas as minhas conquistas são porque eu tenho um chão de onde partir. Obrigada.

Brandy, Douglas e Jean, obrigada por serem minha *chosen family*. Há mais de uma década vocês testemunham o meu crescimento, e eu fico tão emocionada ao pensar que estou concluindo mais essa etapa com vocês ao meu lado. Com vocês todos os altos e baixos valem a pena.

Agradeço à Camila, que me acompanha desde o começo da graduação. Mesmo de tão longe, você sempre se fez muito presente na minha jornada na Universidade. Obrigada pelos anos de amizade, apoio e companheirismo.

Agradeço também à Thiane, colega e amiga a quem admiro muito pela força e determinação. Os cafés e pães de queijo dos intervalos certamente tornaram os últimos anos da graduação muito mais leves.

E, por fim, o meu muito obrigada aos participantes da pesquisa, que disponibilizaram seu tempo para fazer esse trabalho ser possível.

## RESUMO

Sugere-se que bilíngues geralmente se sentem mais emocionais quando expressam suas emoções na sua primeira língua em comparação com a sua segunda (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006; PAVLENKO, 2007, 2012; DEWAELE; NAKANO, 2012; COSTA *et al.*, 2014). Dessa forma, o objetivo deste estudo foi investigar se bilíngues que têm o português como primeira língua (L1) e inglês como segunda língua (L2) sentem e expressam suas emoções de forma diferente na sua língua estrangeira em comparação com sua língua nativa. Para fazer isso, foi aplicado um questionário que contou com 114 bilíngues que possuem português como L1 e inglês como L2. No questionário, os participantes tiveram que responder a perguntas referentes ao histórico de linguagem, à autoavaliação de proficiência e também à frequência e à probabilidade de expressão de suas emoções, sendo elas a raiva, o uso de xingamentos, a ansiedade e a expressão de sentimentos profundos, assim como os sentimentos de eloquência, seriedade, emotividade e falsidade. Além disso, foi explorada a preferência pela L1 ou L2 na expressão da frase “eu te amo”, no uso de termos carinhosos e na expressão de memórias difíceis. Os resultados demonstraram que os participantes preferiram o português ao expressar emoções, apresentando também uma relação emocional mais forte com a L1, assim demonstrando que bilíngues sentem e expressam emoções de formas diferentes na L1 e na L2. O contexto de aquisição, a frequência de uso e a autoavaliação de proficiência da língua demonstraram ser fatores do histórico de linguagem que exercem grande influência na percepção e na expressão de emoções na L1 e na L2.

Palavras-chave: bilinguismo; bilíngues; emoções; expressão de emoções.

## **ABSTRACT**

It is suggested that bilinguals generally feel more emotional when they express their emotions in their first language compared to their second (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006; PAVLENKO, 2007, 2012; DEWAELE; NAKANO, 2012; COSTA et al., 2014). Thus, the aim of this study was to investigate whether bilinguals who have Portuguese as their first language (L1) and English as their second language (L2) feel and express their emotions differently in each language. In order to do this, 114 bilinguals that have Portuguese as L1 and English as L2 answered a questionnaire with questions regarding linguistic background, self-perceived proficiency and also the frequency and probability of expressing their emotions, such as anger, the use of swear words, anxiety and the expression of deep feelings, as well as feeling eloquent, serious, emotional and fake in both languages. In addition, we explored the preference for L1 or L2 to say “I love you”, to use words of endearment and to talk about difficult memories. The results showed that the participants preferred Portuguese to express emotions, also showing a stronger emotional connection with L1, thus demonstrating that bilinguals feel and express emotions differently in L1 and in L2. The context of language acquisition, the frequency of use and the self-perceived proficiency proved to be linguistic background factors that exert great influence on the perception and expression of emotions in Portuguese and in English.

**Keywords:** bilingualism; bilinguals; emotions; emotional expression.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>10</b>
2.1 Definição de emoção	10
2.2 Expressão de emoções em diferentes línguas	12
<b>3 MÉTODO</b>	<b>17</b>
3.1 Objetivo	17
3.2 Hipóteses	17
3.3 Participantes	19
3.4 Instrumentos	22
3.4.1 Questionário de Bilinguismo e Emoções (QBE)	22
3.4.2 Questionário de Percepção de Emoções e Multilinguismo (QPEM)	24
3.4.3 Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções	24
3.4.4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	26
3.5 Procedimentos	27
3.5.1 Procedimentos para a análise de dados	27
<b>4 RESULTADOS</b>	<b>29</b>
4.1 Análises Quantitativas	29
4.1.1 Testes-t pareados	32
4.1.2 Correlações	35
4.2 Análises Qualitativas	37
<b>5 DISCUSSÃO</b>	<b>42</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as questões sobre imigração e as decisões políticas internacionais que influenciam as vidas de muitos vêm se tornando cada vez mais relevantes, entender a realidade de pessoas bilíngues é altamente necessário. Compreender as implicações da expressão emocional dos bilíngues é uma maneira de entender como eles vivenciam o mundo. Além disso, de acordo com Wierzbicka (2004, p.94 *apud* DEWAELE, 2012), as emoções são fundamentais na vida humana, e o bilinguismo fornece diferentes pontos de vista no que se refere à expressão das emoções. Portanto, à medida que o número de pessoas com diversas origens linguísticas aumenta, torna-se importante para os estudiosos investigar e identificar os padrões de linguagem dos bilíngues para que possamos analisar o uso da língua em diferentes comunidades e culturas.

Dentro dos estudos que relacionam bilinguismo e a expressão de emoções, destacam-se as pesquisas referentes às diferentes formas que bilíngues sentem e expressam sentimentos e emoções na sua língua nativa e na sua língua estrangeira. Segundo pesquisas recentes, bilíngues geralmente têm percepções emocionais diferentes dependendo da língua em que estão falando, relatando que se sentem mais emocionais ao expressar emoções na sua primeira língua e mais distantes quando usam a sua segunda língua (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006; PAVLENKO, 2007, 2012; DEWAELE; NAKANO, 2012; COSTA *et al.*, 2014). Por exemplo, eles frequentemente relatam que tendem a se sentir menos emocionais e menos sérios ao usar uma língua estrangeira, quando comparado à forma como usam sua língua nativa (DEWAELE; NAKANO, 2012). Esse distanciamento emocional na percepção e expressão de sentimentos na L2 pode ser determinante em tomadas de decisões e em interações sociais, visto que a distância emocional sentida na língua estrangeira pode influenciar julgamentos morais (COSTA *et al.*, 2014). Sendo assim, a forma como bilíngues expressam suas emoções tem sido cada vez mais estudada nos últimos anos, e os achados dessas pesquisas fornecem melhor entendimento sobre o que motiva a preferência por uma língua ou outra na hora de expressar sentimentos.

Embora o número de pesquisas sobre a relação entre bilinguismo e a expressão de emoções venha crescendo com os anos, ainda é perceptível a necessidade de haver uma maior quantidade de referenciais sobre o tema. Por exemplo, até a década passada, poucas pesquisas empíricas foram feitas para verificar que bilíngues geralmente se sentem mais emocionais ao

se comunicar na sua primeira língua em comparação com a segunda (EILOLA; HAVELKA; SHARMA, 2007). Um dos motivos para esse baixo número de pesquisas na área pode estar relacionado à subjetividade das emoções e às distintas variáveis de histórico de linguagem (por exemplo, idade e forma de aquisição da segunda língua) que podem estar ligadas à forma como os bilíngues expressam suas emoções (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006). Nessa mesma linha, Pavlenko (2012) diz que os bilíngues são um grupo de estudo desafiador em razão das combinações de línguas que são pesquisadas, do histórico de aprendizagem e dos diferentes contextos de uso. Portanto, pesquisadores procuram ter cautela com as pesquisas que relacionam bilinguismo e emoções porque conclui-se que elas são complexas e altamente dinâmicas (DEWAELE, 2012). Sendo assim, essas pesquisas podem possuir grande variação de respostas que as pessoas dão quando expostas a uma mesma situação (DEWAELE, 2010).

Na mesma linha, argumenta-se que as situações emocionais específicas relatadas pelos participantes de pesquisas são inconsistentes e subjetivas demais para serem consideradas em análises científicas. Todavia, Harris, Gleason e Ayçiçeği (2006) se opõem a essa ideia dizendo que essa é uma visão ultrapassada, visto que as experiências emocionais humanas podem ser muito similares entre indivíduos. Desse modo, as autoras explicam que a pesquisa contemporânea lida com uma grande quantidade de dados, com diversas pessoas em diversos contextos, e que isso serve para identificar padrões e casos isolados (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006).

Um dos fatores que pesquisadores da área precisam prestar atenção é o contexto onde acontece a pesquisa. Segundo linguistas cognitivos, estudos da neuropsicologia referentes à emoção humana, por exemplo, são realizados predominantemente em ambientes onde se fala a língua inglesa (WIERZBICKA; HARKINS, 2001 *apud* DEWAELE, 2010). Isso faz com que essa perspectiva seja tida como universal, baseada em categorias linguísticas e em termos cognitivos e culturais específicos de um país e cultura (DEWAELE, 2010). Em vista disso, é importante ter a participação de brasileiros falantes de português nas pesquisas da área porque muitas generalizações são feitas acerca dos resultados com base em uma pequena variação de falantes de inglês (DEWAELE, 2010). Segundo Rajagopalan (2004), essa teorização centrada em apenas um grupo é justamente o que deveria ser evitado quando há o interesse pelas complexidades da comunicação interétnica. Dessa forma, é necessário que o estudo das emoções explore uma variedade de idiomas.



No Brasil, é possível observar que há poucos trabalhos publicados referentes ao assunto com falantes de português brasileiro. Em uma pesquisa com as palavras bilinguismo e emoções no repositório digital Lume, destacam-se três pesquisas com aplicação de questionários que se aproximam do tema aqui exposto: *Correlação entre fatores de experiência linguística bilingue e controle inibitório* (2016), de Rodrigo Alan Koch; *Bilinguismo e personalidade em bilíngues português L1 e inglês L2* (2018), de Hannah dos Santos Kahn; *Anxiety and foreign language learning: dealing with negative emotions in the classroom* (2019), de Rafael Leote Dutra. Além disso, uma pesquisa no Portal de Periódicos da CAPES, com as mesmas palavras-chave, gerou 12 artigos, destacando-se um deles, também contendo aplicação de questionário: *Bilinguismo, emoções e moralidade: um estudo via sistema de avaliabilidade* (2016), de Igor Augusto Pereira e Pedro Henrique Lima Praxedes Filho.

Dada essa lacuna, o objetivo deste estudo é investigar se bilíngues que têm o português como primeira língua (L1) e inglês como segunda língua (L2) sentem e expressam suas emoções de forma diferente na sua língua estrangeira em comparação com sua língua nativa. Para fazer isso, analisou-se estudos mais recentes de diferentes pesquisadores para que a discussão pudesse ser ampliada e melhor fundamentada. A partir disso, foi elaborado um questionário baseado em outros dois questionários de estudos anteriores, contendo perguntas sobre a expressão de emoções, com declarações subjetivas contextualizadas sobre os idiomas que os participantes falam, incluindo também perguntas referentes ao histórico de linguagem e à autoavaliação de proficiência. Após, o questionário elaborado para o presente trabalho, sendo baseado em outros dois questionários utilizados em estudos anteriores, foi aplicado a bilíngues e multilíngues falantes de português como L1 e inglês como L2. O propósito da aplicação do questionário foi verificar as particularidades linguísticas do público-alvo no que se refere ao pressuposto de que bilíngues se sentem diferentes na expressão de emoções na L1 e na L2.

Dessa forma, o presente trabalho será uma contribuição para os estudos de bilinguismo no Brasil, podendo servir como um incentivo para novos estudos no país, tendo em vista que essa é uma pesquisa limitada e que outras perguntas podem surgir a partir dela. A participação de falantes de português brasileiro em pesquisas como essa enriquece a discussão sobre a relação entre bilinguismo e emoções a partir do ponto de vista brasileiro, com suas próprias vivências socioculturais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Definição de emoção

Uma vez que grande parte deste trabalho lida com emoções, observamos então a necessidade de estabelecermos definições acerca delas. Primeiramente, averiguamos que as emoções podem ser definidas por comportamentos constituídos socialmente. Ou seja, os indivíduos, inseridos em sociedade, avaliam situações do cotidiano e têm reações a elas, como mudanças fisiológicas, reações expressivas e sentimentos subjetivos (AVERILL, 1982 *apud* DEWAELE, 2010). De acordo com esse ponto de vista sócio-construtivista, as emoções se definem muito mais por sentimentos experienciados em sociedade do que por ações externas (DEWAELE, 2010). Sendo assim, para esta pesquisa, abordamos as emoções conforme a perspectiva social. Isto é, a perspectiva que leva em conta que as emoções são definidas pela forma que os indivíduos avaliam, interpretam e reagem (como por mudanças fisiológicas) às situações vividas (DEWAELE, 2010).

Posto isso, vemos que analisar e classificar emoções é uma tarefa de expressiva subjetividade (DEWAELE, 2010, 2012; PAVLENKO, 2012). No mesmo sentido, palavras abstratas, como palavras sobre emoções, são de difícil associação porque se torna complexo categorizá-las (BAKIĆ; ŠKIFIĆ, 2017). Em outras palavras, se torna complexo categorizar as emoções porque cada pessoa pode ter um conceito diferente para cada emoção. Por esse motivo, para fins objetivos deste trabalho, buscamos aclarar o quanto possível os significados das emoções aqui apresentadas.

Para fazer isso, verificamos que as pesquisas sobre emoções sugerem que as experiências emocionais apresentam duas dimensões: “valence” e “arousal”, que vamos chamar de dimensões de valência e de alerta (BAKIĆ; ŠKIFIĆ, 2017). O efeito de valência se refere ao efeito positivo, negativo ou neutro das emoções, e o efeito de alerta aos níveis de efeito alto, baixo e moderado (BAKIĆ; ŠKIFIĆ, 2017; MOHAMMADI, 2020). Por exemplo, a raiva e a tristeza são emoções que apresentam valência negativa, porém somente a raiva demonstra nível de alerta alto, que pode ser determinado pela mudança do ritmo da respiração e da frequência cardíaca (RUSSELL, 2003 *apud* MOHAMMADI, 2020).

Com isso em vista, classificamos as emoções abordadas nesta pesquisa de acordo com

os seus efeitos de valência e de alerta. Sendo assim, os sentimentos de raiva, de ansiedade e de falsidade, assim como o uso de xingamentos e a expressão de memórias difíceis foram considerados emoções de valência negativa. Aqui, quando falamos sobre se sentir falso, nos referimos ao sentimento de artificialidade na expressão de emoções, assim relacionando-se ao sentimento de não ser condizente com as emoções sentidas pelo falante. Já a expressão da frase “eu te amo”, o uso de termos carinhosos, o sentimento de eloquência e o de seriedade classificamos como emoções de valência positiva. Nesse caso, relacionamos o adjetivo “sério” ao sentimento de se estar falando a verdade ao se comunicar em sala de aula, estando assim ligado ao sentimento de ser condizente na expressão de suas emoções. No que diz respeito à expressão de sentimentos profundos e ao sentimento de emotividade, as classificamos como emoções de valência neutra devido a sua maior subjetividade. Por exemplo, é difícil categorizar sentimentos profundos como positivos ou negativos, pois não está especificado que sentimentos profundos são esses, podendo ser tanto negativos quanto positivos.

Quanto ao efeito de alerta, categorizamos as expressões de raiva, o uso de xingamentos e a ansiedade como emoções de alto nível de alerta. Aqui, os xingamentos foram categorizados como uma das formas de expressões de raiva. Para o uso de termos carinhosos e para os sentimentos de eloquência e de seriedade, os categorizamos como emoções de baixo nível de alerta. A respeito do sentimento de falsidade e das expressões de sentimentos profundos, de memórias difíceis e da frase “eu te amo”, as classificamos como emoções de nível neutro de alerta pelo mesmo motivo apresentado acima. Por exemplo, não temos como classificar se a expressão de memórias difíceis podem ser de alto ou baixo alerta, dado que diversas podem ser as memórias difíceis, não havendo especificidade de quais são elas. A mesma relação vai para a expressão de “eu te amo”, na medida em que muitas são as situações e contextos em que a frase pode ser utilizada, dessa forma dificultando sua categorização entre alto ou baixo nível de alerta. Sendo assim, as emoções apresentadas neste trabalho são de dimensão consideravelmente abstrata, sendo possível que os participantes tenham tido interpretações distintas em relação a elas. Porém, como dito anteriormente, percebemos a necessidade de atribuir significados para as emoções desta pesquisa para termos uma discussão mais clara dos resultados.

## 2.2 Expressão de emoções em diferentes línguas

Comunicar emoções pode ser difícil para muitas pessoas, sendo bilíngues ou não. Porém, percebe-se que expressar e entender emoções em uma segunda língua pode ser ainda mais desafiador para muitos falantes de uma língua estrangeira (DEWAELE, 2008). Isso se dá pelo fato de que, por um lado, em interações entre falantes nativos, por exemplo, os interlocutores geralmente têm poucas preocupações referentes à produção e à recepção, pois esse processo acontece de forma mais automática (DEWAELE, 2008). Por outro lado, falantes de uma língua estrangeira podem enfrentar mais dificuldades por passarem por um processo mais controlado, relacionado à escolha de palavras específicas, expressões adequadas e regras gramaticais e pragmáticas (DEWAELE, 2008). Esse desafio maior enfrentado por indivíduos bilíngues pode fazer com que o falante se sinta diferente ao expressar suas emoções na sua L1 e na sua L2, o que pode implicar em diferentes decisões feitas por ele.

Um exemplo disso é o experimento que foi feito com bilíngues e monolíngues (COSTA *et al.*, 2014), que sugere que uma língua estrangeira pode reduzir a reatividade emocional do falante, levando bilíngues a fazer escolhas mais utilitárias ao usar sua L2, em comparação com quando estão usando sua L1. Nesse experimento, bilíngues de várias populações linguísticas responderam a uma versão adaptada do “dilema do bonde”, em que os participantes teriam que optar entre sacrificar a vida de uma pessoa para salvar outras cinco ou não. Os resultados mostraram que mais pessoas preferiram a opção utilitária (sacrificar uma pessoa para salvar cinco) ao usar a sua língua estrangeira do que a sua língua nativa. Dessa maneira, concluiu-se que as pessoas tendem a fazer um julgamento sistemático diferente quando enfrentam um dilema moral na L2, comparado a como elas o enfrentam na sua L1, porque os resultados indicaram que há uma redução emocional na L2, o que fez com que os participantes realizassem escolhas mais utilitárias. Os autores atribuíram essa distância emocional na língua estrangeira ao nível de proficiência, pois o padrão de respostas sugeriu que o grupo menos proficiente na L2 foi o que mais escolheu a opção utilitária, ou seja, quanto mais proficiente na língua, maior é a resposta emocional.

De acordo com essa perspectiva, que leva em conta a importância da proficiência, autores sugerem que “[...] tanto a idade de aquisição quanto a alta proficiência são necessárias

para se ter uma vantagem emocional"<sup>1</sup> (CALDWELL-HARRIS, 2014, p. 1, tradução nossa). Nesse caso, entende-se por “vantagem emocional” a grande intensidade e ligação emocional que se tem na expressão de emoções em uma língua. A idade de aquisição e a proficiência também estão fortemente ligadas a outros dois fatores, que são o contexto de aquisição e a frequência de uso (CALDWELL-HARRIS, 2014).

O contexto de aquisição implica investigar se a aquisição foi natural (como em contextos familiares, ou por imersão em uma comunidade), instruída (apenas pelo ensino formal, em sala de aula) ou ambas (DEWAELE, 2010), e a frequência de uso tem a ver com a regularidade com que a língua estrangeira é usada diariamente em uma grande ou pequena variação de contextos sociais (DEWAELE, 2010). Esses quatro fatores (proficiência, idade de aquisição, contexto de aquisição e frequência de uso) estão ligados pelo fato de que, normalmente, a aquisição da língua, em anos iniciais, resulta em alta proficiência, que, por sua vez, resulta em um uso frequente da língua (CALDWELL-HARRIS, 2014). A alta frequência de uso também pode levar à alta proficiência, e a aquisição adquirida por imersão (em vez de somente em sala de aula) leva à alta frequência de uso e, por consequência, melhora a proficiência (DEWAELE, 2010; CALDWELL-HARRIS, 2014).

Caldwell-Harris (2014) relaciona esses quatro fatores, principalmente o contexto de aquisição, à resposta emocional em uma língua. Em seu artigo que explora implicações teóricas que buscam explicar as diferenças emocionais entre a L1 e a L2, a autora explica que a forte reação emocional em um idioma se dá pelas experiências humanas serem internalizadas de maneira muito ligada ao contexto em que elas foram vividas. Em outras palavras, o contexto no qual o falante aprende uma língua estrangeira influencia diretamente na carga emocional sentida por ele ao usá-la. Dependendo de como a L2 foi adquirida (por imersão ou apenas na sala de aula, por exemplo), o falante pode sentir que a língua estrangeira carrega grande ou pouca carga emocional em comparação com sua L1. Nesse mesmo sentido, é sugerido que palavras na L1 representam uma maior reatividade emocional pois a L1 é experienciada em muitos mais contextos e aplicada de forma mais variada em comparação à L2, que, geralmente, é menos exposta a contextos variados (DEWAELE, 2008).

Outros estudos também abordam a alta influência do contexto emocional na aquisição e no uso de uma língua. Em 2006, Harris, Gleason e Ayçiçeği elaboraram a teoria que foi

---

<sup>1</sup> No texto original: “[...] both early age of acquisition and high proficiency are required to show an emotionality advantage”.

chamada de “*emotional contexts of language learning*”, em português, em tradução livre, “contextos emocionais de aprendizagem de línguas”. A teoria propõe que a língua passa a ter o sentimento subjetivo de grande força ou peso emocional quando ela é aprendida ou usada em contextos emocionais variados, visto que “as experiências humanas são, geralmente, aprendidas e armazenadas de maneira dependente do contexto”<sup>2</sup> (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006, p. 272, tradução nossa). Para construir essa teoria, as autoras conduziram um estudo que buscou fazer a revisão teórica de pesquisas que mediram, fisiologicamente (como experimentos eletrodérmicos), a reatividade emocional de bilíngues em experimentos em que eles tiveram que responder a estímulos emocionais em suas diferentes línguas. As conclusões desse estudo levaram as autoras a argumentarem que a proficiência, sim, é um grande fator causal no que se refere à forte conexão emocional que se sente na expressão de emoções em uma língua, mas não por si só, porque presume-se que, quanto maior a proficiência, maior é a exposição a contextos emocionais que o indivíduo terá na vida.

Para chegar nessa conclusão, foi levado em conta que “a primeira língua é universalmente adquirida em um contexto altamente emocional”<sup>3</sup> (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006, p. 273, tradução nossa), tendo em vista as circunstâncias que envolvem a criação da criança, como a relação com os cuidadores. Por outro lado, uma língua estrangeira tem contextos de aquisição variados. Dessa forma, constatou-se que o contexto no qual o indivíduo aprende uma língua estrangeira pode ser decisivo no que diz respeito ao vínculo emotivo na expressão de sentimentos na L2, desde que esse contexto seja bastante emocional, como na infância. Conforme essas perspectivas, as autoras seguem argumentando que é possível que uma língua seja percebida como altamente emocional pelo falante mesmo que ela seja aprendida na idade adulta e quando considera-se que o falante não tem um nível alto de proficiência. Um exemplo disso é quando os imigrantes se casam com um falante nativo e criam os filhos em um idioma que não é a sua L1 (PAVLENKO, 2004 *apud* HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006).

Outro exemplo de uma alta conexão emocional com uma língua estrangeira está apresentado em Dewaele (2008), em que uma participante do estudo relatou sentir-se mais emocional ao dizer a frase “eu te amo” em espanhol, sua L3, por conta do seu casamento de longa data com um falante de espanhol. Para essa pesquisa, foi aplicado um questionário

---

<sup>2</sup> No texto original: “[...] human experiences are generally learned and stored in a context-dependent manner”.

<sup>3</sup> No texto original: “A first language is universally learned in a highly emotional context [...]”.

eletrônico que coletou as respostas de 1459 participantes bilíngues e multilíngues (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003), com o objetivo de analisar e identificar as variáveis que afetam o uso e a percepção da carga emocional da frase “eu te amo” nas suas diferentes línguas. Os resultados mostraram que a maioria dos participantes (45%) relatou que a frase tem uma carga emocional maior na sua L1, e os quatro fatores mencionados anteriormente (proficiência, idade de aquisição, contexto de aquisição e frequência de uso) apresentaram ter grande influência no resultado da pesquisa. Por exemplo, foi sugerido que a alta socialização em uma LX, o que conseqüentemente implica em alta frequência de uso e na auto percepção de proficiência, faz com que o falante tenha uma maior ligação emocional com a expressão na língua estrangeira.

Esses quatro fatores apresentaram ter efeitos similares no que se refere à percepção do impacto emocional de palavrões e xingamentos e à expressão da raiva (DEWAELE, 2008). Por exemplo, verificou-se que aqueles que aprenderam uma L2 de forma instruída - comparado com aqueles que aprenderam de forma natural ou de ambas as formas - xingam menos na língua em questão e relatam que ela tem pouca força na expressão de palavrões em comparação com sua L1. Enquanto isso, aqueles que foram considerados como mais proficientes e falantes frequentes de uma L2 declararam sentir que palavrões e xingamentos têm forte carga emotiva na língua estrangeira (DEWAELE, 2010).

Além disso, a perspectiva social e cultural também nos fornece um suporte pertinente para a análise das expressões de emoções de indivíduos bilíngues. Pavlenko (2007) aponta que muitos participantes do questionário eletrônico (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003) falaram sobre as diferenças culturais e linguísticas entre as línguas faladas por eles. Um exemplo de uma diferença cultural é apontada no relato de um dos participantes, em que ele, um falante nativo de japonês, alegou expressar suas emoções de forma mais direta em inglês do que em japonês, pois em japonês as emoções são demonstradas de forma mais indireta e, geralmente, não verbal. Esse tipo de diferença influencia as escolhas feitas pelos falantes ao se comunicar, mostrando que nem sempre a L1 vai ser a língua escolhida ao expressar suas emoções (PAVLENKO, 2007).

Pavlenko (2007) argumenta que essa preferência por uma língua ou outra ao expressar as emoções está muito ligada ao efeito pretendido pelo falante. Esse efeito pode ser entendido pela intenção que o bilíngue quer causar ao se comunicar, dependendo dos interlocutores e da situação envolvida. Para isso, bilíngues utilizam do *code-switch*, a alternância do código

linguístico, para se comunicar efetivamente, podendo preferir uma língua a outra por conta das suas particularidades linguísticas, como diminutivos (PAVLENKO, 2007). Nesse caso, o exemplo dado é o da pesquisadora bilíngue Anna Wierzbicka, que relatou usar o diminutivo de forma afetiva com sua filha recém nascida em polonês (*Córeňko! Córeňko!*), o que, em inglês, seria apontado como uma forma incomum de se referir a um recém nascido (WIERZBICKA, 1997, *apud* PAVLENKO, 2007). A discussão feita a partir disso sugeriu que a preferência de bilíngues por uma língua ou outra ao expressar suas emoções não depende somente da proficiência e da frequência de uso, mas também dos objetivos estratégicos que o falante busca ao interagir (PAVLENKO, 2007).

Outro exemplo disso está em uma pesquisa feita com estudantes chinesas bilíngues, tendo inglês como L2, em que elas tiveram que expor um momento constrangedor de sua vida (BOND e LAI, 1986 *apud* DEWAELE, 2012). O estudo mostrou que a L2 foi mais utilizada na discussão do tópico porque isso proporcionou um distanciamento emocional dos fatos narrados, o que permitiu um maior conforto na expressão de suas emoções. Nesse caso, pode-se concluir que a intenção foi ser o menos emocional possível, o que fez com que as participantes preferissem sua L2 na construção de um discurso emocional. Por outro lado, como exemplo de quando há a intenção de ser emocional, muitos pais preferem usar a L1 ao falar com seus filhos (PAVLENKO, 2004 *apud* DEWAELE, 2012).

Dito isso, é possível concluir que uma série de fatores sociais, cognitivos, psicológicos e culturais interagem entre si e caracterizam os processos de aprendizagem, de produção e de compreensão de uma outra língua (DEWAELE, 2010). Para que isso seja verificado, acredita-se que a diversidade metodológica, com a combinação de variáveis dependentes e independentes, seja importante para os estudos que procuram investigar as motivações por trás das escolhas de bilíngues quando estão comunicando suas emoções. Essa variedade metodológica busca estabelecer não somente a ligação entre as variáveis dependentes e independentes da pesquisa, mas também as causas da ligação, a partir dos dados estatísticos gerados (DEWAELE, 2010).

No presente estudo, considerando o exposto acima, aplicou-se um questionário sobre a expressão de emoções com bilíngues falantes de português (L1) e inglês (L2), grupo de falantes bilíngues pouco estudados na literatura. Além disso, procuramos estabelecer a relação entre a preferência de uso da L1 e da L2 para expressar diferentes emoções. Dentre essas emoções, está a ansiedade, a raiva, a expressão de xingamentos e de emoções profundas, o



sentimento de eloquência, seriedade, emocionalidade e falsidade. Também buscamos investigar se bilíngues julgam que a frase “eu te amo” é mais forte em alguma língua específica, além de apurar a relação entre a preferência de uso da L1 ou da L2 para expressão de termos carinhosos e de memórias difíceis. O propósito de averiguar a ligação entre a preferência de uso da L1 ou da L2 e as emoções apresentadas acima é pesquisar as diferentes percepções e expressões de emoções em diferentes línguas.

### **3 MÉTODO**

#### **3.1 Objetivo**

O presente estudo busca investigar se bilíngues que têm o português como primeira língua (L1) e inglês como segunda língua (L2) percebem e expressam suas emoções de forma diferente na L1 e na L2. Para fazer isso, bilíngues que têm português como L1 e inglês como L2 responderam ao Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções, que será descrito mais adiante. O propósito da aplicação do questionário é verificar as particularidades linguísticas do público-alvo referente ao pressuposto de que maioria dos bilíngues se sentem diferentes quando expressam suas emoções na L1 e na L2 (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006; DEWAELE, 2008, 2010; DEWAELE; NAKANO, 2012; CALDWELL-HARRIS, 2014).

#### **3.2 Hipóteses**

Espera-se encontrar resultados semelhantes aos resultados de pesquisas realizadas anteriormente (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006; DEWAELE, 2008, 2010; DEWAELE; NAKANO, 2012; CALDWELL-HARRIS, 2014), em que foi concluído que a maioria dos indivíduos se sentem mais emocionais quando expressam suas emoções na sua L1 em comparação com a sua L2. Espera-se que os participantes deste estudo, que estão imersos em uma comunidade de falantes de português, irão se considerar mais proficientes na L1 (português) em comparação com a L2 (inglês) e que usem a L1 com mais frequência. Tendo isso em vista, os resultados devem mostrar que a alta proficiência, a alta frequência de uso em contextos variados estão diretamente ligadas às emoções sentidas pelo falante ao se

expressar em uma língua, ou seja, quanto maior proficiência e maior frequência de uso em contextos variados, maior é o sentimento de estar sendo emocional em determinada língua.

Também é esperado ver que aqueles que aprenderam uma L2 de maneira instruída, ou seja, apenas em sala de aula, utilizam a língua com menos frequência quando expressam emoções. Com isso, é esperado que esses falantes que tiveram a aquisição de forma instruída se julguem menos proficientes e, conseqüentemente, mais ansiosos na língua estrangeira. Isso pode ser explicado por Harris, Gleason e Ayçiçeği (2006) e por Caldwell-Harris (2014), que explicam que a forte reação emocional em um idioma ocorre porque as experiências são internalizadas de maneira muito ligada ao contexto em que elas foram vividas. Em outras palavras, quanto mais emocionais os contextos experienciados em uma língua, mais emocional o falante se sentirá ao se expressar nela. Portanto, espera-se concluir que o contexto de aquisição e de uso exercem grande influência na expressão de emoções na L1 e na L2.

Referente às questões sobre se sentir eloquente, sério(a), emocional e falso(a), é esperado que a maioria dos participantes se sinta mais eloquente, séria e emocional na L1 e mais falsa na L2. Com base em Dewaele e Nakano (2012), sugere-se que esse resultado seja atribuído ao nível da autoavaliação de proficiência e à ordem de aquisição da língua. Tendo isso em vista, espera-se que os participantes respondam que se sentem mais falsos na L2 e que isso esteja ligado a uma proficiência mais baixa. Conseqüentemente, aqueles que apresentarem proficiência mais baixa podem se sentir mais limitados quando se comunicam e, portanto, menos eloquentes, sérios, emocionais e mais falsos comparados àqueles que apresentarem maior proficiência na língua estrangeira (DEWAELE; NAKANO, 2012).

Em conclusão, estudar as diferentes experiências de bilíngües se faz importante para entender as diferentes realidades ao redor do mundo. Com isso em vista, entende-se que bilíngües e multilíngües percebem e comunicam suas emoções de forma única por conta das diferentes culturas e das particularidades que cada língua carrega (DEWAELE, 2010). Por último, espera-se que esse estudo possa proporcionar maior conhecimento no que se refere aos estudos de bilingüismo e emoções no Brasil, contribuindo como um incentivo para novas pesquisas no país.

### 3.3 Participantes

A coleta de dados contabilizou 121 respostas no total, das quais sete foram descartadas. Os detalhes dos procedimentos de exclusão serão descritos posteriormente. Dos 114 participantes restantes, 76,3% eram mulheres, 21,1% eram homens, duas pessoas eram não-binárias e uma preferiu não dizer. Pouco acima da metade alegou estar na graduação, representando 51,8% das respostas; 18,4% disse ter a graduação completa, 14,9% a pós-graduação completa e 12,3% declarou estar na pós-graduação. A média de idade dos participantes é de 26,2 anos de idade ( $DP = 7,3$ ), e todos são brasileiros bilíngues e multilíngues maiores de 18 anos, falantes de português como primeira língua (L1) e de inglês como segunda (L2). A porcentagem daqueles que reportaram ter somente a língua portuguesa como dominante é de 67,5%, enquanto os outros 32,5% relataram ter o português e o inglês como as duas línguas dominantes. Dentre os voluntários da pesquisa, 44,7% reportaram saber somente português e inglês, enquanto 55,3% alegaram saber três ou mais línguas, dentre elas espanhol, francês, alemão, italiano, japonês, russo, mandarim, hebraico, coreano e neerlandês.

A idade média de aquisição da língua inglesa é de 10,6 ( $DP = 4,2$ ), e a média de idade de aquisição da L3, para aqueles que disseram saber uma terceira língua, é de 18,7 anos de idade ( $DP = 6,3$ ). Quanto ao tipo de aquisição, 52,6% aprendeu inglês de forma instruída, 7% aprendeu de forma natural e 40,4% aprendeu em ambos os contextos. No que se refere àqueles que possuem uma terceira língua, 62,3% aprendeu a L3 de forma instruída, 14,1% de forma natural e 23,4% teve a aquisição da língua de ambas as formas.

De acordo com essas informações, pode-se observar que grande parte dos participantes (52,6%) aprendeu a língua inglesa de forma instruída, ou seja, em sala de aula, por volta dos 10,6 anos ( $DP = 4,2$ ), idade média de aquisição da L2. Além disso, uma alta parcela (40,4%) alegou ter aprendido a L2 de forma natural e instruída simultaneamente, o que, provavelmente, tem a ver com os participantes interpretarem o aprendizado da língua de forma autodidata — através de mídias como filmes, séries e música, por exemplo, — como aquisição natural do inglês, uma vez que ocorre fora da sala de aula. Vale mencionar que os participantes também podem ter considerado o aprendizado do inglês em viagens ou intercâmbios como aquisição natural do idioma. Quanto à aquisição da L3, a grande maioria (62,3%) aprendeu a terceira língua através do ensino formal por volta dos 18,7 anos de idade

( $DP = 6,3$ ), o que pode influenciar na autoavaliação de proficiência dos participantes, descrita a seguir.

Em uma escala de cinco pontos, em que 1 significava pouco proficiente e 5 totalmente proficiente, os participantes avaliaram a proficiência na língua portuguesa conforme as seguintes médias para cada habilidade: 4,8 para fala ( $DP = 0,69$ ), 4,8 para compreensão ( $DP = 0,67$ ), 4,7 para escrita ( $DP = 0,79$ ) e 4,8 leitura ( $DP = 0,69$ ). A pontuação média total para a autoavaliação na língua portuguesa é de 4,8 ( $DP = 0,67$ ). Quanto à pontuação da autoavaliação da proficiência em inglês, a média é de 4 para fala ( $DP = 0,94$ ), 4,5 para compreensão ( $DP = 0,72$ ), 4 para escrita ( $DP = 0,96$ ) e 4,5 para leitura ( $DP = 0,74$ ). A média total para a proficiência em inglês é de 4,2 ( $DP = 0,73$ ). Em relação à L3, observa-se que as médias são 2,4 para fala ( $DP = 1,0$ ), 2,9 para compreensão ( $DP = 1,2$ ), 2,1 para escrita ( $DP = 0,97$ ) e 3 para leitura ( $DP = 1,1$ ), com a média total sendo 2,6 ( $DP = 0,93$ ) para proficiência na terceira língua. A relação entre as médias da autoavaliação de proficiência e as habilidades nas três línguas estão demonstradas na tabela abaixo:

**Tabela 1** - média e desvio padrão da autoavaliação de proficiência na L1, L2 e L3 em diferentes habilidades

Língua	Habilidade	Média	$DP$
Português	Fala	4,8	0,69
	Compreensão	4,8	0,67
	Escrita	4,7	0,79
	Leitura	4,8	0,69
Média total		4,8	0,67
Inglês	Fala	4,0	0,94
	Compreensão	4,5	0,72
	Escrita	4,0	0,96
	Leitura	4,5	0,74
Média total		4,2	0,73
L3	Fala	2,4	1,0
	Compreensão	2,9	1,2
	Escrita	2,1	0,97
	Leitura	3,0	1,1
Média total		2,6	0,93

Como pode ser visto, há uma grande diferença de percepção de proficiência entre a L2 e L3, em que é possível perceber que os participantes se julgaram bem mais proficientes na segunda língua ( $M = 4,2$   $DP = 0,73$ ) do que na terceira ( $M = 2,6$   $DP = 0,93$ ). Estatisticamente, o teste-t de amostras pareadas demonstra que os participantes se auto avaliam, considerando-se a média nas quatro habilidades, melhor em inglês do que na L3,  $t(62) = 15,4$   $p < 0,001$ . Esse resultado provavelmente se deve ao fato de que os participantes aprenderam a L3 em idade mais avançada em comparação com a idade de aquisição da L2. Também pode-se atrelar ao fato de que a aquisição da L3 ocorreu, em sua maioria, apenas em contexto formal. Além disso, podemos observar que as médias da L2 e da L3 são maiores nas habilidades receptivas (compreensão e leitura) e menores para as produtivas (fala e escrita), sugerindo que os participantes consideram falar e escrever competências mais difíceis de se alcançar a proficiência nas línguas estrangeiras. Outro motivo para os participantes se considerarem mais proficientes em inglês do que na L3 pode estar relacionado à frequência de uso dessas línguas. Em uma escala variando de 0 (nunca) a 5 (muitas horas ao dia), os participantes tinham que marcar com que frequência usavam a L1, L2 e L3 em diferentes contextos, sendo eles amigos, família, colegas da faculdade e trabalho. Em português, a média de frequência de uso totalizou 4,5 ( $DP = 0,87$ ). Em inglês, a média diminuiu para 2,2 ( $DP = 1,1$ ) no total, e na terceira língua esse número diminuiu ainda mais, ficando com 0,54 ( $DP = 1,0$ ) de média de frequência, conforme representado a seguir:

**Tabela 2** - média e desvio padrão da frequência de uso da L1, L2 e L3 em diferentes contextos

Língua	Contexto	Média	DP
Português	Amigos	4,7	0,77
	Família	4,8	0,68
	Colegas da faculdade	4,3	1,4
	No trabalho	4,2	1,4
Média total		4,5	0,87
Inglês	Amigos	2,4	1,6
	Família	0,83	1,3
	Colegas da faculdade	2,6	1,4
	No trabalho	2,8	2,0
Média total		2,2	1,1
L3	Amigos	0,75	1,3
	Família	0,41	1,2

Colegas da faculdade	0,61	1,3
No trabalho	0,39	1,1
Média total	0,54	1,0

Os dados mostram que a frequência de uso diminui gradualmente na L1, na L2 e na L3, ou seja, usa-se a L1 com muito mais frequência do que a L2 e, consecutivamente, muito mais a L2 do que a L3. Além disso, é possível concluir que o contexto em que os participantes menos usam a sua L2 é com a família, dado representado pela média de 0,83 ( $DP = 1,3$ ) de frequência em comparação com a média de uso com amigos ( $M = 2,4$ ,  $DP = 1,6$ ), colegas da faculdade ( $M = 2,6$ ,  $DP = 1,4$ ) e no trabalho ( $M = 2,8$ ,  $DP = 2,0$ ).

### 3.4 Instrumentos

O instrumento aplicado nesta pesquisa foi baseado em outros dois questionários de estudos realizados anteriormente, o Questionário de Bilinguismo e Emoções (QBE) (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003) e o Questionário de Percepção de Emoções e Multilinguismo (QPEM) (DEWAELE; NAKANO, 2012). Abaixo, esses instrumentos serão apresentados com mais detalhe. Logo após, será apresentado também o instrumento desenvolvido para este Trabalho de Conclusão de Curso, contendo os ajustes feitos a partir do QBE e do QPEM com o propósito de alinhamento com o objetivo deste trabalho.

#### 3.4.1 Questionário de Bilinguismo e Emoções (QBE)

A presente pesquisa utilizou uma adaptação do questionário eletrônico Questionário de Bilinguismo e Emoções (QBE) (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003), que permaneceu *online* entre os anos de 2001 e 2003 na página de Birkbeck, Universidade de Londres. O QBE foi elaborado em língua inglesa pelos professores Jean-Marc Dewaele e Aneta Pavlenko, com o objetivo de investigar a forma como bilíngues e multilíngues comunicavam suas emoções (DEWAELE, 2010).

O questionário foi dividido em “Informações Básicas”, “Informações Linguísticas” e “Línguas e Emoções”<sup>4</sup>, combinando questões abertas e fechadas, assim como entrevistas que buscaram explorar e investigar a complexidade das respostas dadas pelos participantes, a fim

<sup>4</sup> "Background Information", "Linguistic Information" e "Language and Emotions" no original.

de relacioná-las com os padrões analisados nos dados estatísticos (DEWAELE, 2010). As duas primeiras seções, “Informações Básicas” e “Informações Linguísticas”, diziam respeito às variáveis independentes do questionário, que procuram coletar as informações básicas e linguísticas dos participantes. Já a terceira seção, “Línguas e Emoções”, falava acerca das variáveis dependentes do estudo, com perguntas específicas sobre a expressão de emoções dos participantes.

A primeira seção do QBE contou com oito perguntas no que concerne às informações pessoais dos participantes, como idade, gênero e grau de instrução. A segunda seção continha 11 perguntas sobre o histórico de linguagem como a ordem, idade e contexto de aquisição das línguas, frequência de uso e autoavaliação de proficiência dos participantes. Por último, a terceira seção foi dedicada à relação entre língua e emoções, contendo perguntas que alternavam entre questões fechadas em escala do tipo *Likert*, o que possibilitou a análise estatística do estudo (DEWAELE, 2010), e perguntas abertas.

Na terceira e última seção do questionário, havia cinco perguntas fechadas e oito abertas. Entre as questões fechadas do tipo *Likert*, os participantes tinham que classificar afirmações subjetivas referentes a cada língua falada por eles, por exemplo, dizendo o quão poética ou fria é sua L1, ou o quão colorida e rica é sua L2. Ainda entre as perguntas fechadas, os participantes também tinham que responder a perguntas relacionadas à expressão e à percepção de raiva e de sentimentos profundos, assim como ao ato de falar palavrões e xingamentos em suas diferentes línguas em diferentes contextos do dia a dia. Além disso, os participantes também tinham que responder a perguntas sobre *code-switching* e classificar seus níveis de ansiedade ao falar cada uma de suas línguas. Já as perguntas abertas contaram com questões sobre a carga emocional da frase “eu te amo” nas línguas faladas; a preferência por uma língua ou outra na expressão de termos emocionais e de carinho; a preferência por uma língua ou outra ao falar sobre lembranças difíceis, assim como sobre a dificuldade de se falar sobre elas em diferentes línguas; a significância emocional das diferentes línguas faladas; a língua falada em um diário de uso pessoal; a língua falada no ambiente familiar e a língua usada em brigas; e o sentimento de ser uma pessoa diferente em cada língua falada (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003; DEWAELE, 2010). Sendo assim, o QBE buscou questionar especificidades acerca da comunicação de emoções específicas por bilíngues e multilíngues.

### 3.4.2 Questionário de Percepção de Emoções e Multilinguismo (QPEM)

O instrumento elaborado para a presente pesquisa foi baseado também no questionário eletrônico aplicado por Jean-Marc Dewaele e Seiji Nakano em 2012. O questionário desenvolvido por esses pesquisadores buscou analisar os diferentes sentimentos e percepções de si mesmos que multilíngues experienciam de acordo com a língua que estão falando. Embora os pesquisadores não tenham dado um título para o questionário, iremos chamá-lo de “Questionário de Percepção de Emoções e Multilinguismo” (QPEM), para fins de organização do presente estudo.

Neste questionário, os participantes responderam a perguntas relativas ao seu histórico de linguagem e também a perguntas no formato de escala do tipo *Likert* relacionada a sentimentos e percepções que podiam ter ao se expressar. Nas perguntas com as escalas do tipo *Likert*, os participantes tinham que responder, para cada língua falada, contando do 1 (pouco) ao 5 (muito), às seguintes perguntas:

(1) O quão lógico(a) você se sente nessa língua? (2) O quão sério(a) você se sente nessa língua? (3) O quão emocional você se sente nessa língua? (4) O quão falso(a) (não você mesmo(a) você se sente nessa língua? (5) O quão diferente você se sente nessa língua?”<sup>5</sup> (DEWAELE; NAKANO, 2012, p. 7, tradução nossa).

Dessa forma, o QPEM buscou investigar se bilíngues e multilíngues percebem e classificam suas emoções de forma diferente em cada língua, baseando-se nas cinco escalas de percepções de emoções (lógico(a), sério(a), emotivo(a), falso(a) e diferente).

### 3.4.3 Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções

O Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções foi o instrumento utilizado para este Trabalho de Conclusão de Curso. O questionário, adaptado do Questionário de Bilinguismo e Emoções (QBE) (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003) e do Questionário de Percepção de Emoções e Multilinguismo (QPEM) (DEWAELE; NAKANO, 2012) foi aplicado na língua inglesa e de forma *online* através da plataforma Google Forms. Contendo

---

<sup>5</sup> No texto original: (1) How logical do you feel in this language? (2) How serious do you feel in this language? (3) How emotional do you feel in this language? (4) How fake (not yourself) do you feel in this language? (5) How different do you feel in this language?



38 questões no total, o Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções foi dividido em três seções.

A primeira seção, “*Linguistic Information*”, dizia respeito às informações linguísticas dos participantes, em que eles descreveram quais são as línguas faladas por eles. Após essa questão, os participantes responderam a perguntas com relação às suas três primeiras línguas (L1, L2 e L3) — para aqueles que possuíam uma terceira —, em que eles tiveram que dizer a ordem, a idade e o contexto de aquisição de cada uma das línguas (instruído, natural ou ambos). Além disso, o questionário solicitava questões no que está relacionado à autoavaliação de proficiência e à frequência de uso.

Quanto à autoavaliação de proficiência, foi solicitado que os participantes se avaliassem nas competências fala, compreensão, escrita e leitura em cada uma de suas línguas. Para fazer isso, teriam que assinalar uma opção de uma escala de cinco pontos do tipo *Likert*, em que 1 significava pouco proficiente e 5 totalmente proficiente. Caso o participante não tivesse um terceiro idioma, ele deveria marcar a opção “N/A” na questão sobre a L3. Quanto à frequência de uso, as perguntas pediam que os participantes respondessem, em uma escala de 0 (nunca) a 5 (muitas horas ao dia), com que frequência eles usavam a L1, L2 e L3 com amigos, com a família, com colegas da faculdade e com colegas no trabalho. Sistema de escala semelhante foi aplicado na seção seguinte.

A segunda seção, chamada “*Language and Emotions*”, estava dividida em duas partes, a primeira com perguntas fechadas e a segunda com perguntas abertas, ambas sobre a expressão de emoções em línguas diferentes. Na primeira parte, os participantes responderam a perguntas apresentadas em escala de cinco pontos referentes à expressão de emoções específicas em contextos específicos. Por exemplo, uma das questões pedia para que os participantes respondessem com que frequência eles expressavam raiva em português, em inglês e em uma terceira língua falada (se houvesse) com amigos, família, colegas da faculdade e colegas de trabalho. A questão também possibilitou que o participante respondesse com “N/A” quando ele julgasse que a situação não se aplicava a algum contexto, como quando não se usa inglês com familiares porque eles não são proficientes na língua. Esse modelo de questão foi baseado no modelo das questões presentes no QBE (DEWAELE; PAVLENKO, 2001-2003).

Nesta mesma parte do questionário, também havia questões baseadas no QPEM (DEWAELE; NAKANO, 2012). As perguntas solicitavam que os participantes do estudo

marcassem o quão eloquentes, sérios(as), emocionais e falsos(as) eles se sentiam quando expostos a diferentes cenários e línguas. Um exemplo está na seguinte pergunta: “*How serious do you feel in the following languages when you are presenting your arguments to your classmate’s work?*”<sup>6</sup>. Para responder a essa questão, os participantes assinalaram uma das opções em uma escala de 1 (*Not at all*) a 5 (*Extremely serious*)<sup>7</sup> para português, inglês e outra língua, caso houvesse. O participante também poderia responder com “N/A” quando julgasse que a questão não se aplicava. As perguntas sobre se sentir eloquente, sério(a), emocional e falso(a) eram as últimas questões fechadas da pesquisa.

A parte seguinte consistia em perguntas abertas relativas à expressão de emoções específicas em diferentes línguas e em diferentes contextos. Os participantes tinham que escrever, com suas próprias palavras, se possuíam preferência por uma língua ou outra ao usar termos emocionais e carinhosos e também ao compartilhar memórias difíceis com amigos, família, colegas da faculdade e colegas de trabalho. Como exemplo estão as seguintes questões: “*Do you have a preference for emotion terms and terms of endearment in one language over all others with your friends? Which language is it and why?*” e “*Do you have a preference for talking about difficult memories in one language over all others with your family? Which language is it and why?*”<sup>8</sup>. Além disso, os participantes também responderam à seguinte questão: “*Which language does the phrase ‘I love you’ feels strongest in? Can you tell us why?*”<sup>9</sup>. A terceira e última seção, chamada “*Background Information*”, contava com perguntas relacionadas às informações básicas dos participantes, como idade, gênero e grau de instrução. Deste modo, as perguntas do questionário buscaram averiguar de que maneira bilíngues percebem emoções de formas diferentes ao se expressar na L1 e na L2.

#### 3.4.4 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Antes das perguntas do questionário, os participantes tiveram que aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para poder participar da pesquisa. Ao fazer o convite para o estudo, o Termo informou aos participantes os objetivos, os riscos e os

---

<sup>6</sup> “O quão sério(a) você se sente em diferentes línguas quando está argumentando sobre o trabalho de algum colega em sala de aula?”

<sup>7</sup> “Nem um pouco” e “Extremamente sério”

<sup>8</sup> “Você tem preferência por termos emocionais e carinhosos em uma língua específica quando está falando com seus amigos? Se sim, em qual língua e por quê?” e “Você tem preferência por falar sobre lembranças difíceis em uma língua em específico quando está falando com a sua família? Se sim, qual língua e por quê?”

<sup>9</sup> “Em qual língua a frase ‘eu te amo’ é mais forte? Poderia nos dizer por quê?”

benefícios do trabalho. Como riscos, foi informado que a pesquisa poderia ocasionar cansaço mental ou desconforto ao responder às questões do questionário. Para minimizar esses riscos, foi esclarecido que não seria estipulado tempo para o preenchimento das respostas e que não havia respostas certas ou erradas. Como benefício indireto, foi dito que o estudo poderia fornecer dados que ampliam a compreensão acerca da relação entre bilinguismo e a percepção de emoções. Além disso, foi garantido que a identidade de quem aceitasse participar seria mantida em sigilo e também que seria possível desistir da pesquisa em qualquer momento. No final, constavam as informações para contato em caso de qualquer dúvida.

### 3.5 Procedimentos

O convite para a pesquisa foi feito de forma virtual e *online* através do Facebook, em postagens em grupos direcionados a estudantes da graduação e da pós-graduação de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Alguns dos participantes enviaram o *link* da pesquisa para outros voluntários bilíngues, falantes de português e inglês. A divulgação do *link* do questionário também ocorreu por meio de e-mails para possíveis voluntários da pesquisa, alunos das disciplinas de inglês da graduação do curso de Letras da UFRGS. Em seguida, os participantes que aceitaram o convite para a pesquisa, acessando o *link* descrito na divulgação, foram direcionados à página do Google Forms em que se encontrava o questionário. Antes de começarem a responder às perguntas, os participantes leram e assentiram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Logo após, o questionário foi preenchido e enviado, o que levava em torno de 15 minutos para bilíngues e em torno de 20 minutos para aqueles que falavam uma L3. Ao final, os dados foram salvos e enviados automaticamente de volta para a pesquisadora.

#### 3.5.1 Procedimentos para a análise de dados

Ao ser encerrada a coleta das respostas, passou-se, então, para a organização dos dados. Para dar início, as respostas coletadas no Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções foram passadas para uma planilha Excel, gerada de forma automática pelo Google Forms. Em seguida, observou-se que a pesquisa contabilizou 121 respostas e passou-se à organização dos dados. Sete respostas foram descartadas da pesquisa: três foram retiradas por estarem duplicadas, enquanto quatro participantes foram descartados, pois, de

acordo com os critérios de exclusão da pesquisa, relataram ter alta proficiência em uma terceira língua, como o espanhol, o alemão e o italiano.

Para que as respostas das perguntas que continham escalas pudessem ser analisadas estatisticamente, foi feita uma representação numérica das escalas. Por exemplo, na pergunta que dizia “*If you are angry, how frequently do you express your anger in Portuguese in the given situations?*”, as opções de respostas *Never, Rarely, Sometimes, Frequently e All the time*<sup>10</sup> foram convertidas para números, respectivamente, por 0, 1, 2, 3 e 4. O mesmo aconteceu com a pergunta que dizia “*If you swear in general, how frequently do you swear in your different languages?*”<sup>11</sup>, pois as duas tinham a mesma escala de frequência como opção de resposta. As respostas da pergunta “*How likely it is for you to express your deepest feelings in English in the given situations?*”, que eram *Never, Maybe, Likely, Certainly e Without a doubt*<sup>12</sup>, também foram substituídas, respectivamente, pelos códigos 0, 1, 2, 3 e 4.

Na pergunta “*How anxious are you when you are speaking Portuguese in the given situations?*”, a escala *Not at all, A little, Quite anxious, Very anxious e Extremely anxious*<sup>13</sup>, da mesma forma, foi substituída por 0, 1, 2, 3 e 4, e o mesmo padrão se repetiu no restante das escalas representadas em palavras. Por exemplo, as escalas das perguntas sobre se sentir eloquente, sério, emotivo e falso, tendo a mesma escala de intensidade que a pergunta sobre ansiedade, substituindo-se apenas a palavra *anxious* por *eloquent, serious, emotional e fake*<sup>14</sup> em cada pergunta, foram convertidas na mesma escala numérica, sempre do 0 até o 4. Portanto, como as escalas eram diferentes, cada código possui um significado diferente. Após a conversão, foi calculada a média única para cada pergunta objetiva representada por números, para, assim, dar início a uma compreensão mais geral dos dados. Por fim, os dados foram exportados para o SPSS, onde foram realizados testes-t e correlações de Pearson.

---

<sup>10</sup> “Quando você está com raiva, com que frequência você a expressa em português nas seguintes situações?”  
“Nunca, Raramente, Às vezes, Frequentemente e O tempo todo”

<sup>11</sup> “Com que frequência você xinga nas línguas que você fala?”

<sup>12</sup> “Qual é a probabilidade de você expressar seus sentimentos mais profundos em português nas seguintes situações?” e “Nunca, Talvez, Provavelmente, Certamente e Sem dúvida.”

<sup>13</sup> “Quão ansioso você fica ao falar português nas seguintes situações?” e “Nem um pouco, Um pouco, Ansioso, Muito ansioso e Extremamente ansioso.”

<sup>14</sup> Eloquente, sério, emotivo e sério.

## 4 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa foram divididos em duas partes: as análises quantitativas e as análises qualitativas. Nas análises quantitativas, variáveis do estudo passaram por testes-t pareados e correlações, a fim de comparar a frequência e probabilidade de uso da L1 e da L2 para expressar diversas emoções. Além disso, buscou-se averiguar se a frequência e probabilidade de expressão de emoções na L2 eram influenciadas por variáveis do histórico de linguagem dos participantes. Para as análises qualitativas, as respostas dos participantes foram separadas em categorias a fim de proporcionar um melhor entendimento e interpretação dos dados. Em cada seção, serão descritos os principais achados da pesquisa.

### 4.1 Análises Quantitativas

Inicialmente, apresentam-se os dados descritivos do questionário. Abaixo, encontram-se as tabelas 3 e 4, referentes às médias e desvios padrão das frequências e probabilidades de expressões de emoções na L1 e na L2 em diversos contextos.

**Tabela 3** - Médias e desvios padrão das frequências e probabilidades de expressão de emoções em português e inglês em diversos contextos.

Com que frequência você expressa raiva nas seguintes situações em cada língua?			
Língua	Contexto	Média	DP
Português	Amigos	3,4	0,96
	Família	3,6	0,83
	Colegas da faculdade	3,0	1,4
	No trabalho	2,8	1,4
Média total		3,2	1,0
Inglês	Amigos	1,6	1,3
	Família	0,65	1,0
	Colegas da faculdade	1,3	1,1
	No trabalho	1,2	1,3
Média total		1,2	0,90
Qual a probabilidade de você expressar os seus sentimentos profundos nas seguintes situações em cada língua?			
Língua	Contexto	Média	DP

Português	Amigos	3,4	0,9
	Família	3,3	1,1
	Colegas da faculdade	2,7	1,5
	No trabalho	2,6	1,6
Média total		3,0	1,1
Inglês	Amigos	1,9	1,4
	Família	0,52	1,1
	Colegas da faculdade	1,1	1,2
	No trabalho	0,94	1,3
Média total		1,1	0,92

Quão ansioso você fica nas seguintes situações em cada língua?

Língua	Contexto	Média	DP
Português	Amigos	0,15	0,50
	Família	0,16	0,53
	Colegas da faculdade	0,48	0,75
	No trabalho	0,61	0,78
Média total		0,34	0,51
Inglês	Amigos	0,72	0,90
	Família	0,54	0,99
	Colegas da faculdade	1,2	1,2
	No trabalho	1,3	1,1
Média total		1,0	0,94

**Tabela 4** - Médias e desvios padrão das frequências e probabilidades de expressão de emoções em português e inglês em diversos contextos.

Com que frequência você xinga nas línguas que você fala?

Língua	Média	DP
Português	3,3	1,1
Inglês	2,3	1,2

Quão eloquente você se sente ao fazer uma apresentação em sala de aula em cada língua?

Língua	Média	DP
Português	2,9	1,2
Inglês	2,3	1,2

Quão sério você se sente ao argumentar sobre um trabalho de um colega em sala de aula em cada língua?		
Língua	Média	DP
Português	2,8	1,1
Inglês	2,8	1,0

  

Quão emotivo(a) você fica quando fala sobre suas experiências pessoais com seus colegas de classe em cada língua?		
Língua	Média	DP
Português	2	1,3
Inglês	1,9	1,2

  

Quão falso você se sente quando está compartilhando sua opinião em discussões em sala de aula em cada língua?		
Língua	Média	DP
Português	0,22	0,60
Inglês	0,63	0,82

Ao observarmos as médias nas tabelas acima, percebemos algumas diferenças na expressão de emoções na L1 na L2. A frequência da expressão de raiva em inglês ( $M = 1,2$ ,  $DP = 1,0$ ) e a probabilidade de compartilhar sentimentos profundos em inglês ( $M = 1,1$ ,  $DP = 0,92$ ), por exemplo, são menores do que em português ( $M = 3,2$ ,  $DP = 1,0$ ;  $M = 1,2$ ,  $DP = 0,90$ ). Comparada aos outros contextos, a diminuição da frequência e da probabilidade de expressar sentimentos profundos em inglês ocorre de maneira bem mais expressiva no contexto familiar: a média da frequência de expressão da raiva diminui de  $M = 3,6$  ( $DP = 0,83$ ) em português para  $M = 0,65$  ( $DP = 1,0$ ) em inglês, enquanto a probabilidade de expressar sentimentos profundos diminui de  $M = 3,3$  ( $DP = 1,1$ ) em português para  $M = 0,52$  ( $DP = 1,1$ ) em inglês. Provavelmente, esse resultado está relacionado ao fato de os familiares dos participantes não falarem inglês, assim diminuindo a frequência e a probabilidade de expressão dessas emoções com a família na L2.

A ansiedade foi outra emoção que mostrou diferença expressiva no que tange à L1 e à L2. De acordo com as médias totais, os participantes relataram sentir mais ansiedade ao falar inglês ( $M = 1,0$ ,  $DP = 0,94$ ) do que português ( $M = 0,34$ ,  $DP = 0,51$ ). Em relação a contextos específicos, observa-se que os participantes se sentem mais ansiosos ao falar inglês com colegas da faculdade ( $M = 1,2$ ,  $DP = 0,75$ ) e no trabalho ( $M = 1,3$ ,  $DP = 1,1$ ) em comparação ao falar inglês com amigos ( $M = 0,72$ ,  $DP = 0,90$ ) e com a família ( $M = 0,54$ ,  $DP = 0,99$ ). Esses dados possivelmente estão ligados ao fato desses contextos (faculdade e trabalho) serem

considerados contextos mais formais, onde os bilíngues podem sentir que estão sob avaliação, assim sentindo mais ansiedade na língua estrangeira.

No que diz respeito ao restante das emoções, vemos que os bilíngues xingam com menos frequência em inglês ( $M = 2,3$ ,  $DP = 1,2$ ) do que em português ( $M = 3,3$ ,  $DP = 1,1$ ) e que eles se sentem menos eloquentes ao fazer apresentações em sala de aula em inglês ( $M = 2,3$ ,  $DP = 1,2$ ) do que em português ( $M = 2,9$ ,  $DP = 1,2$ ). Os participantes também relataram se sentir igualmente sérios ao argumentar sobre trabalhos de colegas e igualmente emotivos ao falar sobre experiências pessoais com colegas em sala de aula em ambas as línguas. Possivelmente, isso se deu pelo fato dos bilíngues relacionarem a emotividade e, principalmente, a seriedade com a honestidade de seus sentimentos. Isto é, os participantes se julgaram igualmente emotivos e sérios nas duas línguas porque se avaliaram igualmente honestos e sinceros com seus sentimentos independente da língua. Por último, verificamos que os participantes se sentem mais falsos ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula em inglês ( $M = 0,63$ ,  $DP = 0,82$ ) do que em português ( $M = 0,22$ ,  $DP = 0,60$ ). Isso pode ser atribuído ao fato dos bilíngues se acharem mais artificiais ou menos espontâneos ao falar em inglês em comparação a quando falam português.

#### 4.1.1 Testes-t pareados

Com o objetivo de facilitar a leitura e de diminuir as chances de Erro Tipo 1 nas análises, comparamos, nos testes-t a seguir, somente as médias de frequência e probabilidade de uso da L1 ou L2 para expressar emoções. Essas médias refletem a frequência e probabilidade de uso das línguas nos diferentes contextos apresentados no questionário.

Para testar a frequência de uso da L1 e da L2 para a expressão de raiva, nós conduzimos um teste-t pareado. Este teste mostrou que houve uma diferença significativa na frequência em que os bilíngues expressam a raiva,  $t(113) = 16,5$ ,  $p < 0,001$ , demonstrando que os participantes expressam raiva com mais frequência em português ( $M = 3,2$ ,  $DP = 1,0$ ) do que em inglês ( $M = 1,2$ ,  $DP = 0,90$ ). Conforme as médias e o que esses valores representam nas escalas que foram utilizadas no questionário, os participantes expressam raiva em português frequentemente, enquanto em inglês isso ocorre apenas raramente.

Quanto à comparação da frequência de uso de xingamentos em português e em inglês, o teste-t também demonstrou que houve uma diferença significativa,  $t(113) = 7,7$ ,  $p < 0,001$ .



Dessa forma, o teste evidenciou que os participantes do estudo xingam em português ( $M = 3,3$ ,  $DP = 1,1$ ) com mais frequência que em inglês ( $M = 2,3$ ,  $DP = 1,2$ ). De acordo com a escala do questionário, os falantes de português xingam na sua língua nativa frequentemente e em inglês apenas às vezes.

Referente à probabilidade de expressar sentimentos profundos na L1 e na L2, o teste-t também apontou uma diferença significativa,  $t(113) = 15,9$ ,  $p < 0,001$ . Isso quer dizer que é mais provável que participantes usem português ( $M = 3,0$ ,  $DP = 1,1$ ) para falar de sentimentos profundos, em comparação ao inglês ( $M = 1,1$ ,  $DP = 0,92$ ). As médias significam que os bilíngues responderam “certamente” à probabilidade de expressar os sentimentos profundos na L1, enquanto no inglês responderam com “talvez”.

Também houve uma diferença significativa relativamente à ansiedade na L1 e na L2,  $t(110) = -7,8$ ,  $p < 0,001$ . O teste demonstrou que os participantes se sentem mais ansiosos ao falar inglês ( $M = 1,0$ ,  $DP = 0,94$ ) do que português ( $M = 0,33$ ,  $DP = 0,48$ ). Conforme as médias e a escala do questionário, eles quase nunca se sentem ansiosos ao se comunicar em português e um pouco ao se comunicar em inglês.

Quanto ao se sentir eloquente ao fazer uma apresentação em sala de aula, o teste-t demonstrou a diferença significativa entre a L1 e a L2,  $t(106) = 6,2$ ,  $p < 0,001$ . De acordo com esse resultado, os participantes se sentem mais eloquentes ao fazer uma apresentação em sala de aula em português ( $M = 2,9$ ,  $DP = 1,2$ ), em comparação a quando fazem apresentação em inglês ( $M = 2,3$ ,  $DP = 1,2$ ). Segundo as médias, os bilíngues apresentaram se sentir muito eloquentes ao fazer a apresentação em português e apenas moderadamente eloquentes ao fazer em inglês.

Por último, no que se refere a se sentir falso ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula na L1 e na L2, o teste-t demonstrou haver uma diferença significativa entre as diferentes línguas,  $t(96) = -4,8$ ,  $p < 0,001$ . Isso quer dizer que os participantes relataram, nesse contexto, se sentir mais falsos em inglês ( $M = 0,64$ ,  $DP = 0,82$ ) do que em português ( $M = 0,23$ ,  $DP = 0,60$ ). As médias dizem que os bilíngues do estudo relataram não se sentir nem um pouco falsos em português, enquanto a média do inglês se aproxima da opção que indica que os participantes se sentem um pouco falsos ao compartilhar suas opiniões em sala de aula.

No que diz respeito a se sentir sério ao argumentar sobre o trabalho de algum colega em sala de aula na L1 e na L2, o teste-t mostrou que não houve uma diferença significativa entre os dois. Da mesma forma, o teste também demonstrou não haver diferença significativa

entre se sentir emotivo em português e em inglês ao compartilhar experiências pessoais com colegas de classe.

Em uma segunda leva de análises, investigamos algumas variáveis linguísticas que poderiam influenciar a forma como os participantes expressam suas emoções na L2. Uma das variáveis exploradas foi a variável língua dominante. Dessa forma, o propósito foi investigar se o fato dos bilíngues possuírem apenas uma língua dominante ou duas influenciaria a forma como eles percebem as emoções e a frequência com que eles as expressam em inglês. Através da investigação, foi possível constatar que houve diferença significativa em duas emoções.

Quanto a se sentir ansioso ao falar inglês, o teste-t mostrou haver diferença significativa entre aqueles que relataram ter dominância apenas na L1 e aqueles que disseram ter a L1 e a L2 como língua dominante,  $t(104,1) = 2,7, p = 0,02$ . De acordo com esse resultado, os participantes que disseram possuir apenas o português como língua dominante se sentem mais ansiosos ao falar inglês ( $M = 1,7, DP = 1,0$ ), em comparação aos que relataram ter as duas línguas como dominantes ( $M = 0,67, DP = 0,61$ ). As médias significam que aqueles que tinham português como dominante disseram se sentir ansiosos ao falar inglês às vezes, enquanto aqueles que tinham as duas línguas dominantes relataram se sentir raramente ansiosos.

Outra emoção que apresentou diferença significativa foi a eloquência. Em relação à pergunta sobre se sentir eloquente ao fazer uma apresentação em sala de aula em inglês, o teste-t demonstrou a diferença significativa entre aqueles que possuem apenas a L1 como língua dominante e aqueles que possuem a L1 e a L2,  $t(85,8) = -3,1, p < 0,001$ . Esse resultado expressa que aqueles que possuem a L1 e a L2 como dominante relataram se sentir mais eloquentes nas apresentações em inglês ( $M = 2,0, DP = 1,2$ ) do que aqueles que consideraram apenas o português como língua dominante ( $M = 2,8, DP = 1,0$ ). Segundo as médias, os participantes com apenas o português como dominante alegaram se sentir moderadamente eloquentes ao fazer apresentações em inglês, e os participantes com as duas línguas como dominante alegaram se sentir muito eloquentes ao fazer as apresentações. Todas as outras comparações entre as línguas dominantes não foram significativas, e apenas as frequências das expressões de raiva e de xingamentos mostraram diferenças marginais.

Outra variável do histórico de linguagem que investigamos para entender como ela influencia a frequência e probabilidade dos participantes expressarem emoções em inglês foi o tipo de aquisição. Comparamos os 60 participantes que adquiriram inglês de forma instruída

com os 46 que adquiriram a língua de ambas as formas, natural e instruída. Os oito participantes que relataram ter aprendido inglês apenas de forma natural não foram contabilizados porque oito é um número de baixa expressividade em comparação com o número de pessoas nos outros dois grupos.

Quanto a se sentir ansioso, o teste-t mostrou diferença significativa entre os que adquiriram a língua apenas de maneira instruída e os que adquiriram de forma natural e instruída,  $t(89,6) = 2,0, p = 0,047$ . O teste evidenciou que os que tiveram a aquisição do inglês apenas de forma instruída relataram se sentir mais ansiosos ( $M = 1,2, DP = 0,87$ ) do que os que tiveram a aquisição das duas formas ( $M = 0,83, DP = 1,0$ ). Conforme a escala do questionário, isso quer dizer que os bilíngues que tiveram aquisição de forma instruída se sentem um pouco ansiosos, e os que tiveram a aquisição de ambas as formas se aproximam mais da opção de respostas daqueles que responderam não se sentir nem um pouco ansiosos ao se comunicar na L2.

O teste-t também mostrou diferença significativa referente a se sentir falso ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula,  $t(85,8) = 2,8, p = 0,003$ . Os que aprenderam inglês apenas de forma instruída reportaram se sentir mais falsos ( $M = 0,87, DP = 0,94$ ) do que os participantes que aprenderam de forma instruída e natural ( $M = 0,39, DP = 0,55$ ). Isso indica que os participantes que aprenderam inglês apenas de forma instruída se sentem um pouco falsos, enquanto a média dos que aprenderam de ambas as formas chega mais perto da opção relacionada a não se sentir nem um pouco falso ao compartilhar opiniões em sala de aula. Todas as outras comparações entre os tipos de aquisição não foram significativas, e apenas as frequências do uso de xingamentos e o sentimento de eloquência ao fazer uma apresentação em sala de aula apresentaram diferenças marginais.

#### 4.1.2 Correlações

Por fim, para explorarmos esses dados mais a fundo, conduzimos uma série de correlações. Nessas correlações, procuramos ver se variáveis linguísticas tais quais idade de aquisição da L2, média auto-reportada da proficiência em L2 e a frequência de uso do inglês se correlacionavam com a frequência e a probabilidade dos participantes expressarem as emoções em inglês.

Analisando as correlações entre as variáveis de emoções com a idade de aquisição da língua inglesa, observou-se que houve uma correlação negativa fraca com a frequência do uso de xingamentos em inglês,  $r = -0,20$ ,  $p = 0,034$ . Ou seja, quanto mais tarde os bilíngues adquiriram a L2, com menos frequência eles usam xingamentos em inglês. Outra variável que se correlacionou com a idade de aquisição foi a do sentimento de eloquência ao fazer uma apresentação em inglês em sala de aula,  $r = -0,23$ ,  $p = 0,16$ . Essa é uma correlação fraca e negativa, e representa que, quanto mais tarde os participantes aprenderam a L2, menos eloquentes eles se sentem ao fazer apresentações em inglês.

Em relação à variável da auto avaliação de proficiência do inglês, observou-se a ocorrência de correlações com sete expressões de emoções, sendo cinco correlações positivas e duas negativas. A primeira diz respeito à correlação moderada e positiva com a frequência do uso de inglês para expressar raiva,  $r = 0,34$ ,  $p < 0,001$ . Esse resultado demonstra que, quanto mais alto os participantes se avaliaram na proficiência da L2, mais frequente é o uso do inglês para expressar raiva. Temos a mesma relação positiva com a frequência do uso de xingamentos em inglês,  $r = 0,40$ ,  $p < 0,001$ , porém ela é de magnitude moderada. Essa correlação revela que, quanto mais alta a proficiência em inglês, mais os participantes xingam nessa língua. Correlação positiva semelhante ocorre com a variável que avaliou a probabilidade dos bilíngues expressarem seus sentimentos mais profundos em inglês,  $r = 0,40$ ,  $p < 0,001$ , significando que, quanto mais alta a proficiência, maior é a probabilidade dos participantes expressarem seus sentimentos profundos na L2. Também observou-se correlação positiva e moderada entre a proficiência e o sentimento de eloquência ao fazer apresentações em sala de aula em inglês,  $r = 0,36$ ,  $p < 0,001$ , evidenciando que quanto maior a auto percepção de proficiência na L2, mais eloquentes os participantes relataram se sentir ao fazer apresentações em inglês. A quinta correlação positiva e novamente fraca foi entre a proficiência e o quão sérios os participantes relataram se sentir ao argumentar sobre os trabalhos de colegas em sala de aula em inglês,  $r = 0,20$ ,  $p = 0,045$ . Aqui, quanto mais alta a auto percepção de proficiência na L2, mais sérios os bilíngues costumam se sentir ao argumentar sobre trabalhos de colegas em sala de aula na língua inglesa.

As correlações negativas foram entre a proficiência auto avaliada e a ansiedade ao se comunicar em inglês,  $r = -0,60$ ,  $p < 0,001$ , e entre a proficiência e o quão falsos os participantes se sentem ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula,  $r = -0,33$ ,  $p = 0,001$ . A primeira correlação negativa, e forte, representa que quanto mais alta é a

proficiência auto-avaliada em inglês, menos ansiosos os bilíngues do estudo se sentem ao se comunicar na língua. A segunda correlação, mais fraca, significa que, quanto maior a proficiência, menos falsos os participantes se sentem ao opinarem em inglês em discussões em sala de aula.

A última etapa de correlações foi feita entre a média de frequência de uso da língua inglesa com as expressões de emoções em inglês. Nessa análise, foram encontradas seis correlações, quatro positivas e duas negativas. A primeira correlação positiva, e forte, é entre a frequência de uso da língua inglesa com a frequência do uso de inglês para expressar raiva,  $r = 0,61$ ,  $p < 0,001$ , apresentando que, quanto mais alta a frequência da língua, mais os participantes disseram expressar raiva em inglês. A segunda correlação positiva ocorreu com a frequência do uso de xingamentos em inglês,  $r = 0,47$ ,  $p < 0,001$ , ou seja, quanto maior a frequência de uso do inglês, mais frequentes são os xingamentos na L2. Essa associação foi de magnitude moderada. Também ocorreu correlação positiva e moderada com a probabilidade dos participantes expressarem seus sentimentos profundos na L2,  $r = 0,57$ ,  $p = <0,001$ , indicando que, quanto mais frequente o uso do inglês, maior a probabilidade dos participantes expressarem seus sentimentos profundos na L2. A última correlação positiva moderada foi com o sentimento de eloquência ao fazer apresentações em sala de aula em inglês,  $r = 0,32$ ,  $p = 0,001$ , o que constata que quanto maior a frequência de uso, mais eloquentes os participantes se sentem ao fazer apresentações em sala de aula em inglês.

As correlações negativas com a frequência de uso do inglês, assim como ocorreu com as correlações feitas com a auto avaliação de proficiência, também foram com a ansiedade ao se comunicar em inglês,  $r = -0,34$ ,  $p < 0,001$ , e com quão falsos os participantes se sentem ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula,  $r = -0,27$ ,  $p = 0,007$ . A primeira correlação, moderada, representa que, quanto mais alta é a frequência do inglês, menos ansiosos os bilíngues do estudo se sentem ao se comunicar na língua, e a segunda, fraca, aponta que, quanto mais alta a frequência de uso do inglês, menos falsos os participantes se sentem ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula na L2.

## 4.2 Análises Qualitativas

Para podermos fazer a análise qualitativa da pesquisa, separamos as respostas escritas dos participantes em cinco categorias para cada pergunta. Deixamos os exemplos das

respostas dos participantes na língua em que eles as escreveram para sermos mais fiéis aos seus sentimentos. Para a primeira pergunta qualitativa do questionário, “Em qual língua a frase ‘eu te amo’ é mais forte? Poderia nos dizer por quê?”, separamos as respostas nas seguintes categorias descritas na tabela abaixo:

**Tabela 5** - número e porcentagem de respostas em cada categoria para a pergunta sobre a expressão da frase "eu te amo"

Em qual língua a frase “eu te amo” é mais forte? Poderia nos dizer por quê?		
	Nº de respostas	Porcentagem
Mais forte em português	87	76,3%
Mais forte em inglês	13	11,4%
Mais forte em ambas as línguas	8	7%
Mais forte em uma outra língua	5	4,4%
N/A:	1	0,88%

Como podemos observar, das 114 respostas, a maioria, representada por 76,3% das respostas, relatou que a frase “eu te amo” era mais forte em português. Entre as justificativas mais usadas, temos o exemplo do participante que respondeu sentir que a frase “eu te amo”, em inglês, parece mais superficial: *“The articulation of “Eu te amo” sounds much more powerful and profound than ‘I love you’ [...] ‘I love you’ sounds more superficial but is the one I can say the most.”* Outros participantes relacionaram a superficialidade da frase em inglês à alta frequência de seu uso: *“I feel like English speakers use it all the time so it's lost meaning a little bit.”* Diferentes respostas estabeleceram associação da frase em português à vulnerabilidade: *“I think saying I love you in Portuguese feels not necessarily stronger, but more vulnerable to me.”* Outro participante, na mesma linha, ao dizer que a frase era mais forte em português, explicou: *“it feels more like a commitment”*. Muitos participantes também explicaram que a expressão é mais forte em português por ela ser a língua nativa: *“because it is my mother tongue. That's how I learned to be loved.”* Nesse caso, a pessoa também associou a expressão de emoção ao contexto em que ela foi aprendida e vivenciada. Resposta semelhante foi dada por outro participante: *“In Portuguese, because I learn what is love in my home country, so things linked to love always are stronger in my native language.”*

Em relação aos 13 participantes que relataram que a frase “eu te amo” era mais forte em inglês, as justificativas variaram. Três participantes disseram que a frase é mais forte em inglês pela influência de filmes. Um deles disse: *“I guess I feel it more emotional in English because of the romance movies, where they're always emphasizing this phrase”*. Outros dois bilíngues relacionaram sentir a frase mais forte em inglês com a expressão desse sentimento com pessoas próximas que falam inglês: *“I've been surrounded by English speakers for most of my life, and my boyfriend only speaks English, so I naturally start speaking English when I'm with them.”*

Após a pergunta sobre a expressão da frase “eu te amo”, havia a pergunta “Você tem preferência por termos emocionais e carinhosos em uma língua específica? Se sim, qual língua e por quê?”. Como os participantes tiveram que responder a essa pergunta quatro vezes, uma para cada contexto (amigos, família, colegas da faculdade e colegas de trabalho), somaram-se 456 respostas para essa pergunta ao total. Para fins de organização das respostas, juntamos todas elas em uma só pergunta. As respostas ficaram distribuídas conforme a seguinte tabela:

**Tabela 6** - número e porcentagem de respostas em cada categoria para a pergunta sobre preferência de termos emocionais e de afeto

Você tem preferência por termos emocionais e carinhosos em uma língua específica?  
Se sim, qual língua e por quê?

	Nº de respostas	Porcentagem
Preferência por português	267	58,6%
Preferência por inglês	64	14%
Sem preferência	106	23,2%
Preferência por outra língua	2	0,43%
N/A:	17	3,7%

Das 456 respostas, a maioria, 58,6%, relatou preferir termos emocionais e de carinho em português. Dentre esse número, foi possível identificar semelhanças entre as respostas dos participantes. No que se refere à expressão de termos emocionais e carinhosos com amigos, por exemplo, os participantes relacionaram a preferência por português por ser a língua mais falada por seus amigos, como podemos ver na seguinte resposta: *“Portuguese because most of my friends speak Portuguese”*. Outro exemplo semelhante está na resposta que justifica a preferência por português porque os amigos não falam outras línguas: *“In my social life most*

*of my friends do not speak other languages*". Explicação semelhante é dada para a preferência do português com a família: *"For my family, it's always Portuguese. None of them speak English."* e *"Portuguese; my family only speaks Portuguese"*. Em relação ao uso de termos carinhosos com os colegas da Universidade e colegas de trabalho, os bilíngues justificaram a preferência por português ser a língua dominante e também porque a expressão dos termos é mais natural na L1: *"Portuguese because it's the dominant language."*; *"Portuguese. Because I can express myself more naturally"*. Os participantes também relacionaram a preferência pelo português ao sentimento de ser mais condizente com a expressão de emoções: *"Portuguese, because it seems more true to the expression of my emotions."* Outro participante deu outra explicação, dizendo que inglês parece ser usado em contextos mais informais: *"English seems a language to study or work."* Ou seja, esses participantes alegaram que o português era mais apropriado para expressão de termos emocionais e de carinho com colegas da Universidade e colegas de trabalho por haver diferença de percepção em cada língua ao expressar emoções. Nessa mesma linha, outro participante dá outra justificativa para essa ocorrência: *"Portuguese, because we don't feel in English"*.

Aqueles que declararam não ter preferência por nenhuma língua em particular ao usar termos emocionais e de carinho disseram não sentir diferença entre expressá-los em português e inglês: *"Both English and Portuguese have the same weight."* Um dos participantes não declarou não haver preferência pela L1 ou L2, mas alegou que a percepção e a expressão dos termos eram diferentes em cada língua, e a escolha por uma ou outra dependia da intenção na hora de se comunicar com amigos: *"If I use Portuguese, it is because I want some deeper connection and I'm opening up about my deepest feelings. If I use English, it is because I don't want to sound too vulnerable, so I use my second language so I'm not producing this vulnerability with Portuguese words."* Ou seja, português representou ser a língua ligada ao se sentir vulnerável, e o inglês representou uma certa distância dessa vulnerabilidade.

A questão da vulnerabilidade também foi abordada por aqueles que reportaram preferir inglês para usar termos carinhosos com amigos e colegas da Universidade. Um dos participantes reportou se sentir mais vulnerável em português, dizendo *"I prefer to talk about my emotions, with my friends, in English because I feel so much more comfortable than in Portuguese. In Portuguese I feel too serious and vulnerable"*. No mesmo sentido, outro participante disse se sentir menos exposto em inglês: *"I feel more comfortable and less exposed with English terms"*. Acerca da expressão dos termos com a família, os bilíngues



relataram preferir a L2 por ser a língua usada por familiares próximos, como o participante que relatou a preferência porque a primeira língua do filho é inglês: “*English - my son's first language is English*” e também o participante que alegou preferir inglês por causa de sua esposa: “*English, because my wife is an English teacher.*” No que diz respeito à expressão com colegas de trabalho, os participantes explicaram a preferência por trabalharem em um ambiente em que a língua predominante é o inglês: “*English, because I work in an English school*”.

A respeito da última pergunta “Você tem preferência por falar sobre lembranças difíceis em uma língua em específico? Se sim, qual língua e por quê?”, foi feita a mesma separação de respostas realizada na questão anterior. Como essa a questão foi respondida quatro vezes pelos 114 participantes, uma vez para cada contexto (amigos, família, colegas da faculdade e colegas do trabalho), 456 respostas foram contabilizadas no total. Para fins de organização, distribuímos as respostas nas categorias de acordo com a tabela abaixo:

**Tabela 7** - número e porcentagem de respostas para cada categoria para a pergunta sobre a expressão de lembranças difíceis

Você tem preferência por falar sobre lembranças difíceis em uma língua em específico?  
Se sim, qual língua e por quê?”

	Nº de respostas	Porcentagem
Preferência por português	302	66,2%
Preferência por inglês	71	15,6%
Sem preferência	65	14,2%
Preferência por outra língua	1	0,20%
N/A:	17	3,7%

Como visto acima, a maioria, 66,2%, disse preferir expressar seus sentimentos mais profundos em português. Sobre a expressão de memórias difíceis com a família, a preferência pelo português se deu pelo fato dos familiares não falarem outro idioma, como representado no seguinte exemplo: “*Portuguese only as they only speak Portuguese*”. Sobre os amigos, os participantes argumentaram que sentem que expressam emoções profundas de maneira mais satisfatória na L1, por essa ser a língua nativa e, portanto, de mais fácil acesso: “Em português, pois a conexão com o idioma materno é maior para usar as palavras mais adequadas”. O acesso ao vocabulário na L1 também foi mencionado no seguinte exemplo de

resposta: “Português, pois acho que o vocabulário é mais amplo.” Outro relatou que a preferência se deve ao fato de ser mais fácil lembrar da primeira língua: “*Portuguese, it is easier to remember in the first language*”. Com colegas da Universidade e colegas de trabalho, os bilíngues relataram explicação que complementa a ideia de mais fácil acesso à L1: “*Portuguese. It comes out unfiltered and I don't have to focus on the structure or pronunciation*”. Também foi reportado que a preferência pelo português se deu porque essa foi a língua em que as situações difíceis foram vividas: “*In portuguese because I first learned the feeling in this language*”.

Aqueles que preferiram o inglês disseram que seria mais fácil expressar as memórias difíceis com amigos na L2 porque isso causa um sentimento de distância emocional da experiência, que foi vivida na L1. Um participante disse: “*English, because I feel more detached from memories made in Portuguese*”. Por fim, em relação aos colegas da Universidade e colegas do trabalho, os participantes apresentaram justificativa semelhante à anterior, afirmando sentir uma distância emocional maior na L2, o que permitiria a expressão dos memórias difíceis mais facilmente, como no exemplo: “*I prefer English because that way I can distance myself from that difficult memory and it's easier to talk about it*”.

## 5 DISCUSSÃO

Este estudo buscou investigar se bilíngues que têm português como primeira língua e inglês como segunda percebiam e expressavam emoções de maneira diferente na L1 e na L2. Através da aplicação do Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções, que teve como propósito explorar a relação entre a preferência de uso da L1 ou L2 e emoções específicas, buscou verificar se bilíngues sentem e expressam emoções de forma diferente em cada língua.

De acordo com os resultados obtidos, podemos constatar que bilíngues percebem e expressam suas emoções de maneira diferente em cada língua. A partir das análises quantitativas e qualitativas da pesquisa, notamos a grande preferência pela L1 ao expressar emoções. Durante a análise quantitativa, observou-se que as variáveis do histórico de linguagem exerceram influência significativa nessa preferência.

Primeiramente, foram feitas análises comparativas para cada emoção levando em consideração a L1 e a L2. Isto é, para cada uma das emoções, comparamos a frequência e

probabilidade de uso do português e do inglês. Com base nos resultados, observou-se a preferência pelo português ao expressar raiva, ao xingar e ao falar sobre sentimentos profundos. Também constatou-se que bilíngues se sentem mais eloquentes ao fazer apresentações em português do que inglês. Com base em pesquisas feitas anteriormente (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006; EILOLA; HAVELKA; SHARMA, 2007; DEWAELE, 2010; CALDWELL-HARRIS, 2014; COSTA, *et al.*, 2014), a maior frequência e probabilidade do português na expressão dessas emoções possivelmente se deve ao fato de que bilíngues geralmente se sentem mais emocionais na L1 e também porque vivem em um contexto em que usam a língua com mais frequência.

Relativamente à ansiedade e ao sentimento de falsidade ao compartilhar opiniões em discussões em sala de aula, verificou-se resultado diferente. Os participantes alegaram se sentir mais ansiosos e falsos em inglês do que em português. Dewaele (2010) sugere que a ansiedade geralmente é maior na L2 porque essa tende ser a língua com frequência de uso menor do que a L1, causando assim uma insegurança ao expressar emoções na segunda língua. Referente a se sentir falso em inglês, Dewaele e Nakano (2012), atribuem esse resultado a um menor nível de proficiência auto-reportada na L2 e também à ordem de aquisição da língua estrangeira.

Na segunda leva de análises dos resultados, outras relações com a ansiedade e o sentimento de falsidade ao compartilhar opiniões em sala de aula foram estabelecidas. Nessa segunda leva dos resultados, foi analisada a influência dos fatores linguísticos “língua(s) dominante(s)” e “tipo de aquisição” na preferência pelo inglês para expressar emoções. Ou seja, em relação aos fatores linguísticos que podem influenciar a preferência pelo inglês para expressar emoções, comparamos aqueles que avaliaram ter uma ou as duas línguas como dominantes e aqueles que aprenderam o inglês formalmente ou aqueles que aprenderam tanto formal quanto naturalmente. Entre os achados, destacou-se a influência da língua dominante e do tipo de aquisição na ansiedade em inglês. Concluiu-se que aqueles que consideraram apenas a L1 como dominante se sentiam mais ansiosos em inglês do que aqueles que consideraram ambas as línguas como dominante, e aqueles que alegaram ter tido a aquisição do inglês apenas de forma instruída apresentaram mais ansiedade na L2 do que aqueles que aprenderam das duas formas. Isso pode ser atribuído à teoria “contextos emocionais de aprendizagem de línguas” (HARRIS; GLEASON; AYÇIÇEGI, 2006), que explica que quanto mais exposto a contextos emocionais variados na aquisição da língua estrangeira o bilíngue

estiver, mais emocional ele vai se sentir ao se comunicar naquela língua. Ou seja, observamos que, na presente pesquisa, os participantes que tiveram a aquisição de ambas as formas apresentaram maior ligação emocional na língua, pois estiveram expostos a contextos emocionais mais variados na aprendizagem do inglês. Dessa forma, verificamos que esse fator de forte ligação emocional com a língua pode estabelecer uma confiança maior com o inglês. Essa reflexão dialoga com os resultados encontrados na pesquisa de Dewaele (2010), que, da mesma maneira, concluiu que aqueles que aprenderam a língua estrangeira de forma instruída se sentiam mais ansiosos ao falar na L2 em comparação com aqueles que aprenderam de forma natural ou de ambas as formas. Esse estudo sugere que a alta frequência da língua acarreta alta proficiência, o que, conseqüentemente, faz com que os bilíngues ganhem mais confiança ao se expressar na L2. De forma semelhante, os participantes do presente estudo que reportaram se sentir dominantes na L1 e na L2 se sentem mais confiantes e assim menos ansiosos ao se comunicar em inglês. Tendo isso em vista, concluímos que os participantes que aprenderam o inglês de forma instruída estiveram expostos a menos contextos emocionais na aquisição, fazendo com que esses falantes tivessem menos conexão na L2, assim, fazendo com que eles se sintam menos dominantes na língua inglesa e, conseqüentemente, mais ansiosos na L2.

De forma semelhante, observamos o sentimento de ser mais falso ao opinar em sala de aula em inglês. Para essa emoção, observou-se apenas a influência do tipo de aquisição, e não da auto avaliação de língua dominante. Aqueles que responderam ter aprendido inglês apenas de forma instruída relataram se sentir mais falsos do que aqueles que responderam ter aprendido a língua de ambas as formas. Isso ilustra novamente a conclusão que tiramos sobre bilíngues geralmente se sentirem menos emocionais na L2 em comparação à L1, pois o fato dos participantes se sentirem mais falsos ao se comunicarem em inglês demonstra que os participantes não se sentem tão verdadeiros em inglês quanto em português, assim significando maior conexão emocional com português. Dewaele e Nakano (2012), em seu estudo, destacaram a influência da auto avaliação de proficiência, da frequência e da ordem de aquisição ao sentimento de falsidade na língua estrangeira. Isto é, os bilíngues tendem a se sentir mais falsos na L2 porque geralmente é a língua que se aprende depois da L1 e que costuma apresentar menor nível de proficiência auto-reportada e menor frequência de uso e, conseqüentemente, maior distância emocional. Sendo assim, avaliamos que os participantes se sentem mais falsos ao opinar em discussões em sala de aula na L2 porque a L1 geralmente é a

língua com maior reação emocional por ser a língua aprendida em contextos mais variados e emotivos, e também por ser a língua que se usa com mais frequência e que apresenta maior nível de proficiência.

Na terceira leva de análises, foram conduzidas correlações para investigar se as variáveis idade de aquisição da L2, média auto-reportada da proficiência em L2 e a frequência de uso do inglês se correlacionavam com a frequência e a probabilidade dos participantes expressarem as emoções em inglês.

Primeiramente, a idade de aquisição de inglês se correlacionou (de maneira fraca) apenas com duas emoções: a frequência de expressão de xingamentos em inglês e o sentimento de eloquência ao fazer apresentações em inglês. A limitada relação da idade de aquisição da L2 com a expressão de emoções em inglês pode ser explicada por Harris, Gleason e Ayçiçeği (2006), que defendem que a conexão emocional por uma língua não é ligada apenas à idade de aquisição, mas principalmente ao contexto emocional na qual a língua é adquirida e usada.

Após, verificou-se que a variável do histórico de linguagem referente à proficiência auto-reportada do inglês se correlacionou com sete expressões de emoções: a frequência de expressão de raiva e de xingamentos, a probabilidade de expressar sentimentos profundos, o sentimento de eloquência, de seriedade e falsidade em inglês, assim como a ansiedade em inglês. Todas essas correlações demonstram que a proficiência do inglês se associa de forma expressiva à percepção e expressão de emoções na L2. Da mesma forma, a frequência de uso do inglês se correlacionou com a expressão de seis emoções em inglês, as mesmas da proficiência auto-reportada, exceto a emoção relacionada a se sentir sério ao argumentar sobre trabalhos de colegas de sala de aula em inglês. Sendo assim, observa-se que a proficiência e a frequência de uso da L2 apresentaram muitas associações com a frequência e a probabilidade dos participantes expressarem as emoções em inglês.

Portanto, ao investigarmos a proficiência auto-reportada e a frequência de uso do inglês, percebemos que essas variáveis do histórico de linguagem exercem grande influência na expressão de emoções. Pode-se concluir que quanto maior for a frequência de uso do inglês e proficiência nessa língua, maior é a frequência de expressões de raiva e de xingamentos, maior é a probabilidade dos bilíngues expressarem sentimentos profundos e de se sentirem eloquentes ao fazer apresentações. Em sentido contrário, quanto maior for a proficiência e frequência, menos ansiosos e falsos os bilíngues vão se sentir ao se expressar na

L2. Em relação a estudos realizados anteriormente, muitas são as pesquisas que relacionam a alto proficiência e frequência de uso da língua à preferência e forte resposta emocional sentida ao se comunicar no idioma (DEWAELE, 2008; 2010; PAVLENKO, 2012; CALDWELL-HARRIS, 2014; COSTA, *et al.*, 2014)

Dessa forma, esse achado pode ser explicado pela concepção de que quanto mais proficiente se é, maior é a resposta emocional em uma língua (COSTA *et al.*, 2014). E como geralmente a L1 é a língua de maior proficiência (DEWAELE, 2010; CALDWELL-HARRIS, 2014), sugerimos, à luz dos achados desta pesquisa, que a aquisição da língua de ambas as formas, instruída e natural, pode levar à alta frequência de uso e, por consequência, aumentar a proficiência, assim como a alta proficiência pode levar à alta frequência de uso. E, ao contrário do esperado, a idade de aquisição não apresentou número expressivo de correlações com expressão de emoções em inglês.

Portanto, a preferência pela L1 para expressão de emoções se deve ao fato de haver uma maior ligação emocional pela L1 por português ter sido a língua que foi aprendida e usada em contexto emocional mais diverso, assim sendo a língua de maior proficiência e de maior frequência de uso no dia a dia. Porém, sentir uma ligação emocional maior em uma língua nem sempre significa que ela vai ser a língua de preferência para expressar emoções específicas (PAVLENKO, 2007).

Como em Pavlenko (2007), o efeito pretendido pelo falante pode ser decisivo na hora de comunicar sentimentos. Isso pode ser visto nos exemplos dados pelos participantes na parte qualitativa do trabalho. Por exemplo, os participantes que preferiram o português para dizer “eu te amo” justificaram essa escolha por português parecer mais forte e mais vulnerável. Teve ainda o participante que disse preferir a expressão em português por parecer mais um “compromisso”. Por outro lado, segundo as ideias expostas em Pavlenko (2007), se a intenção fosse não parecer um compromisso, seria possível que a língua escolhida fosse outra.

Pensamento similar é trazido pelos participantes que escolheram inglês ao falar sobre memórias difíceis. Eles argumentaram que, ao escolher a L2, se sentiam mais distantes das emoções que foram vividas em português, e, conseqüentemente, mais confortáveis ao se expor, assim menos vulneráveis e menos emocionais. Nesse caso, é possível interpretar que a intenção é ser menos emocional.

Por outro lado, há os participantes que preferiram determinada língua com a intenção de serem emocionais. Como foi o caso daqueles que responderam preferir a L2 para expressar

termos emocionais e de carinho por causa de familiares próximos que falam inglês, como o participante que relatou que a primeira língua de seu filho era inglês. Justificativa semelhante é abordada por aqueles que disseram que “eu te amo” era mais forte em inglês por conta de relações próximas de afeto. A semelhança se dá pelo argumento utilizado em Harris, Gleason e Ayçiçeği (2006), que diz que é possível que uma língua seja percebida como emocionalmente forte pelo falante mesmo que ela seja aprendida na idade adulta e quando considera-se que o falante não tem um nível alto de proficiência, contanto que seja aprendida e utilizada em um contexto altamente emocional.

Em conclusão, confirmou-se a hipótese de que os participantes se declarariam mais proficientes na L1 do que na L2 e que usariam a L1 com mais frequência para expressar sentimentos. Também afirmou-se que a aquisição em ambos contextos (instruído e natural) teria influência de maneira significativa na percepção das emoções em inglês, mais especificamente à ansiedade, mostrando que aqueles que aprenderam inglês apenas de forma instruída se sentem mais ansiosos na L2. Uma variável do histórico de linguagem que, ao contrário do esperado, apresentou poucas relações com as emoções em inglês foi a idade de aquisição da L2, que demonstrou apenas duas correlações. Sendo assim, o contexto diversificado de aquisição e de uso da língua leva a alta frequência de uso da língua que, por sua vez, leva a auto percepção elevada de proficiência, e a alta proficiência também pode levar a uma alta frequência de uso da língua.

Em suma, os dados extraídos da parte qualitativa do trabalho sugerem que português, sendo a L1, é a língua que os participantes sentiram ter maior ligação emocional em comparação com inglês e, conseqüentemente, a língua de maior preferência. No entanto, as respostas abertas do questionário demonstraram e exemplificaram o pensamento trazido no referencial teórico onde diz que a escolha de uma língua na expressão de emoção não depende somente da proficiência e da frequência de uso, mas também dos objetivos estratégicos que o falante busca ao interagir (PAVLENKO, 2007).

Por último, ressaltamos que a presente pesquisa possui algumas limitações. A pandemia da COVID-19 nos permitiu aplicar a pesquisa apenas de forma virtual, assim limitando as opções da metodologia do trabalho. Ademais, a pandemia também pode ter interferido na autoavaliação de proficiência e na frequência de uso do inglês, visto que o isolamento social provavelmente provocou uma diminuição do uso da língua estrangeira em contextos diversos. Além disso, como as emoções são tópicos altamente subjetivos, torna-se

complexa a delimitação exata das interpretações dadas por cada participante. Com base nisso, é possível que os participantes tenham ficado confusos acerca das definições de algumas das emoções apresentadas, como o sentimento de eloquência, seriedade e falsidade, por exemplo. Então, estudos em condições mais favoráveis poderiam fornecer mais opções de aplicação de instrumentos, como aplicação do questionário e entrevistas com os participantes de forma presencial. Dessa maneira, seria possível o esclarecimento de dúvidas, assim como a explicação sobre definições das emoções. A partir disso, outras reflexões e discussões poderiam surgir no tocante às diferentes percepções e formas de expressão de emoções em diferentes línguas.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para chegarmos às conclusões desta pesquisa, observou-se que os bilíngues responderam sentir uma maior conexão emocional com o português, fazendo com que as percepções e expressões de emoções em inglês fossem diferentes. Com isso, preferiu-se o português para a expressão de sentimentos, com a frequência de uso da língua e autoavaliação de proficiência sendo fatores que apresentaram relação de maior associação com a expressão das emoções apresentadas, assim como visto em estudos anteriores (PAVLENKO, 2007, 2012; DEWAELE; NAKANO, 2012; CALDWELL-HARRIS, 2014; COSTA *et al.*, 2014). Então, apesar das limitações ocasionadas pelo isolamento social e pela pandemia da COVID-19, os resultados puderam confirmar o pressuposto de que bilíngues percebem e expressam suas emoções de forma diferente na L1 e na L2.

Em estudos futuros, os impactos do isolamento social podem ser analisados mais a fundo. Como exemplos, estão a mudança da frequência de uso e da autoavaliação de proficiência da L2, assim como os diferentes impactos na expressão de emoções nas diferentes línguas. Por fim, reiteramos a dificuldade de classificar e categorizar as emoções e as suas percepções e expressões por parte dos bilíngues. Por seu teor altamente subjetivo, estudos futuros também podem atribuir definições e classificações diferentes para as emoções apresentadas nesta pesquisa. Desta forma, essas diferentes interpretações e categorizações alterariam as conclusões tiradas neste trabalho, assim, ampliando a discussão e o debate sobre a relação entre bilinguismo e emoções.



## REFERÊNCIAS

- BAKIĆ, A; ŠKIFIĆ, S. The relationship between bilingualism and identity in expressing emotions and thoughts. **Íkala**, v. 22, n. 1, p. 33-54, 2017.
- CALDWELL-HARRIS, C. L. Emotionality differences between a native and foreign language: theoretical implications. **Frontiers in psychology**, v. 5, n. 1055, 2014.
- COSTA, A.; FOUCART, A.; HAYAKAWA, S.; APARICI, M.; APESTEGUIA, J.; HEAFNER, J.; KEYSAR, B. Your morals depend on language. **PloS one**, v. 9, n. 4, p. e94842, 2014.
- EILOLA, T M.; HAVELKA, J; SHARMA, D. Emotional activation in the first and second language. **Cognition and Emotion**, v. 21, n. 5, p. 1064-1076, 2007.
- FAUL, F; ERDFELDER, E; BUCHNER, A; LANG, A.-G. Statistical power analyses using G\* Power 3.1: Tests for correlation and regression analyses. **Behavior research methods**, v. 41, n. 4, p. 1149-1160, 2009.
- DEWAELE, J. M. The emotional weight of I love you in multilinguals' languages. **Journal of Pragmatics**, v. 40, n. 10, p. 1753-1780, 2008.
- DEWAELE, J. M. **Emotions in multiple languages**. Palgrave Macmillan, 2010.
- DEWAELE, J. M. Multilingualism and emotions. **The encyclopedia of applied linguistics**, 2012.
- DEWAELE, J. M.; NAKANO, S. Multilinguals' perceptions of feeling different when switching languages. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, v. 34, n. 2, p. 107-120, 2012.
- DEWAELE, J. M; PAVLENKO, A. **Web Questionnaire Bilingualism and Emotions**. University of London, 2001 - 2003.
- HARRIS, C. L.; GLEASON, J. B.; AYÇIÇEGI, A. When is a first language more emotional? Psychophysiological evidence from bilingual speakers. **Bilingual education and bilingualism**, v. 56, p. 257, 2006.
- MOHAMMADI, A. N. Swearing in a second language: the role of emotions and perceptions. **Journal of Multilingual and Multicultural Development**, p. 1-18, 2020.
- PAVLENKO, A. **Emotions and multilingualism**. Cambridge University Press, 2007.
- PAVLENKO, A. Affective processing in bilingual speakers: Disembodied cognition?. **International Journal of Psychology**, v. 47, n. 6, p. 405-428, 2012.

RAJAGOPALAN, K. Emotion and language politics: The Brazilian case. **Journal of multilingual and multicultural development**, v. 25, n. 2-3, p. 105-123, 2004.

## ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *As Diferentes Percepções de Bilíngues na Expressão de Emoções*, que tem como objetivo investigar se bilíngues que têm o português como primeira língua (L1) e inglês como segunda língua (L2) sentem e expressam suas emoções de forma diferente na L1 e na L2. Para fazer isso, será aplicado um questionário voltado para os alunos da graduação e da pós-graduação de Letras da UFRGS que tem português como L1 e inglês como L2. O propósito da aplicação do questionário é verificar as particularidades linguísticas do público-alvo no que se refere ao pressuposto de que bilíngues se sentem diferentes quando expressam emoções na L1 e na L2.

Ao aceitar fazer parte da pesquisa, você responderá a um questionário no Google Forms que contém perguntas referentes ao seu histórico linguístico e à sua autoavaliação de proficiência, assim como perguntas sobre a forma como você expressa emoções, com declarações contextualizadas em cada língua. O preenchimento do questionário deve levar entre 15 e 20 minutos.

Essa pesquisa não lhe trará benefícios diretos. Como benefício indireto, a pesquisa poderá fornecer dados que ampliam a compreensão acerca da relação entre bilinguismo e a percepção e expressão de emoções. Por outro lado, os participantes, durante a realização da pesquisa, podem se cansar mentalmente ou se sentir desconfortáveis ao responder às questões. Para minimizar esses riscos, não será estipulado tempo limite para o preenchimento do questionário, e o participante será instruído a responder às perguntas de acordo com as próprias percepções, não havendo respostas certas ou erradas. Além disso, conforme consta na Resolução CNS 210/2016, a identidade dos participantes será mantida em sigilo, garantindo, assim, a confidencialidade de suas respostas.

Se concordar em participar, você pode, a qualquer momento, perguntar ou pedir esclarecimento acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Você está livre também para retirar seu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem justificativa, sem que isso lhe traga prejuízo. Você tem a

garantia de que não será identificado(a) quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados ao presente projeto de pesquisa. Por fim, você pode pedir acesso aos seus resultados para os pesquisadores. Os seus dados serão armazenados por um período mínimo de 5 anos no computador da pesquisadora responsável pelo estudo e de sua orientanda que o está conduzindo.

A pesquisadora responsável por este projeto de pesquisa é a professora Dra. Ana Beatriz Arêas da Luz Fontes (e-mail: ana.fontes@ufrgs.br; telefone institucional: 51-3308.6689; endereço institucional: gabinete nº 220 do Prédio Administrativo do Instituto de Letras do Campus do Vale da UFRGS, localizado na Avenida Bento Gonçalves, 9500 – Agronomia, Porto Alegre/RS – CEP: 91540-000). Quaisquer dúvidas podem ser sanadas junto à pesquisadora responsável ou junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (e-mail: etica@propesq.ufrgs.br; telefone: 51-3308.3738; endereço: Prédio Anexo I da Reitoria do Campus Centro, localizado na Avenida Paulo Gama, 110, Sala 311 - Farroupilha, Porto Alegre/RS – CEP: 90040-060; horário de funcionamento: de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 17h).

Ao concordar com o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, você declara que autoriza sua participação nesta pesquisa, e que foi informado(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos e justificativa desta pesquisa, dos procedimentos a que será submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios e de informações sobre as tarefas que realizará, todos acima listados.

Aceito participar

Não aceito participar

# Questionário sobre Bilinguismo e Percepção de Emoções

\*Obrigatório

1. E-mail \*

---

Linguistic  
Information

In this section, there are questions regarding your linguistic background. Please, answer accordingly.

2. 1. Which languages do you know? \*

---

---

---

---

---

3. 2. What order did you learn them in? If you do not speak a third language, check the "N/A" box. \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	1	2	3	N/A
Portuguese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
English	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Other	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. 3. At which age did you start learning English? \*

---

5. 4. At which age did you start learning your other language (if you have one)? \*

---

6. 5. Was acquisition naturalistic (outside of school), instructed (at school), or both? If you do not speak a third language, check the "N/A" box. \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Naturalistic	Instructed	Both	N/A
Portuguese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
English	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Other	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

7. 6. Which do you consider to be your dominant language(s)? \*

*Marque todas que se aplicam.*

Portuguese

English

Outro:  \_\_\_\_\_

8. 7. On a scale from 1 (least proficient) to 5 (fully proficient), how do you rate yourself in Portuguese in the following skills? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	1	2	3	4	5
Speaking	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Understanding	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Writing	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reading	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9. 8. On a scale from 1 (least proficient) to 5 (fully proficient), how do you rate yourself in English in the following skills? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	1	2	3	4	5
Speaking	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Understanding	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Writing	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Reading	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



13. 12. How frequently do you use your other language (if you have one) in the given situations? (Never=0, every year=1, every month=2, every week=3, every day=4, several hours a day=5). \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	0	1	2	3	4	5
With friends	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With family	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With classmates	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
At work	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**Language  
and  
Emotions**

Here are some subjective questions about emotions and the languages you know. Please mark to what extent they correspond to your own perceptions. There are no right or wrong answers.

14. 13. If you are angry, how frequently do you express your anger in Portuguese in the given situations? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Never	Rarely	Sometimes	Frequently	All the time
With friends	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With family	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With classmates	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
At work	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

15. 14. If you are angry, how frequently do you express your anger in English in the given situations? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Never	Rarely	Sometimes	Frequently	All the time
With friends	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With family	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With classmates	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
At work	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>



16. 15. If you are angry, how frequently do you express your anger in your other language (if you have one) in the given situations? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Never	Rarely	Sometimes	Frequently	All the time
With friends	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With family	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
With classmates	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
At work	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. 16. If you swear in general, how frequently do you swear in your different languages? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Never	Rarely	Sometimes	Frequently	All the time
Portuguese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
English	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Other	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. 17. How likely it is for you to express your deepest feelings in Portuguese in the given situations? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Never	Maybe	Likely	Certainly	Without any doubt
Speaking with friends	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Speaking with family	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Speaking with classmates	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Speaking at work	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. 18. How likely it is for you to express your deepest feelings in English in the given situations? \*

*Marcar apenas uma oval por linha.*

	Never	Maybe	Likely	Certainly	Without any doubt
Speaking with friends	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Speaking with family	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Speaking with classmates	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Speaking at work	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>





27. 26. How fake (not yourself) do you feel in the following languages when you talk about your personal experiences with your classmates? If this context does not apply to you, check the "N/A" box. \*

Marcar apenas uma oval por linha.

	Not at all	A little	Quite fake	Very fake	Extremely fake	N/A
Portuguese	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
English	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Other	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Language and Emotions

In your own words, please answer the following questions about the expression of emotions in the languages you speak. There are no right or wrong answers.

28. 27. Which language does the phrase "I love you" feels strongest in? Can you tell us why? \*

---

---

---

---

---

29. 28. Do you have a preference for emotion terms and terms of endearment in one language over all others with your FRIENDS? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

30. 29. Do you have a preference for emotion terms and terms of endearment in one language over all others with your FAMILY? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

31. 30. Do you have a preference for emotion terms and terms of endearment in one language over all others with your CLASSMATES at University? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

32. 31. Do you have a preference for emotion terms and terms of endearment in one language over all others with your COLLEAGUES at work? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

33. 32. Do you have a preference for talking about difficult memories in one language over all others with your FRIENDS? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

34. 33. Do you have a preference for talking about difficult memories in one language over all others with your FAMILY? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

35. 34. Do you have a preference for talking about difficult memories in one language over all others with your CLASSMATES at University? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

36. 35. Do you have a preference for talking about difficult memories in one language over all others with your COLLEAGUES at work? Which language is it and why? \*

---

---

---

---

---

Background Information

All information will be kept confidential. After we gather your email address you will be given an alphanumeric identification code which will be used for future data analysis.

37. Gender \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Female
- Male
- Prefer not to say
- Outro: \_\_\_\_\_

38. Age \*

---

39. Educational level \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-graduação Incompleta
- Pós-graduação Completa